

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

INAEL LOPES DE SOUZA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM PATATIVA DO ASSARÉ:
O canto de luta e resistência do poeta do sertão**

**ILHÉUS
2021**

INAEL LOPES DE SOUZA

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM PATATIVA DO ASSARÉ:
O canto de luta e resistência do poeta do sertão**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional da Universidade Estadual de Santa Cruz, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Santos Peixoto.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM PATATIVA DO ASSARÉ:
O canto de luta e resistência do poeta do sertão**

Autoria: Inael Lopes de Souza

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Santos Peixoto
(UESC) – orientadora;

Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes
(UESC) membro 1 – examinadora externa;

Profa. Dra. Keila Mara de Araújo Maciel
(UFSB) membro 2 – examinadora interna;

S729

Souza, Inael Lopes de.

Variações linguísticas em Patativa do Assaré: o canto de luta e resistência do poeta do sertão / Inael Lopes de Souza. – Ilhéus, BA: UESC, 2021. 97 f.: il.

Orientadora: Ana Cristina Santos Peixoto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Referências: f. 94-97.

1. Patativa, do Assaré, 1909-2002. 2. Leitura – Estudo e ensino. 3. Literatura de cordel brasileira. 4. Linguística. I. Título.

CDD 372.4

Dedico este trabalho à minha mãe,
Florenita, que sempre me consola com
seu amor e me inspira com sua fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que com sua infinita misericórdia tem abençoado meus dias muito mais do que eu mereço.

Ao meu pai Izael José (em memória), que sempre foi uma fortaleza em minha vida.

À minha irmã Angélica Cristina, um exemplo pela luta incansável por seus sonhos.

À minha esposa Patrícia Ferreira, pelo companheirismo em todas as ocasiões.

À minha sobrinha Maria Eloisa, pela sua doçura e graciosidade.

Aos meus familiares, não mencionados, mas presentes em meu coração em todo momento.

À Universidade Federal de Santa Cruz e à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela parceria na oferta de Mestrado Profissional em Letras, oportunizando a melhora na qualificação dos profissionais de Língua Portuguesa e na educação em geral.

À minha orientadora Ana Cristina Peixoto, pela paciência e dedicação em contribuir de forma tão gentil e contundente em minha evolução pós-acadêmica.

Às professoras e aos professores do Programa de Mestrado Profissional em Letras da UESC, por todo conhecimento que me transmitiram de forma tão prestativa e paciente.

Aos meus amigos do Profletras, turma 6, pelos momentos inesquecíveis que vivemos juntos. Em especial, aos queridos Élio Barbosa e Dinailza Lima, com quem tive o prazer de conviver um pouco mais.

A todos os meus alunos e colegas de trabalho, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional que me proporcionam a cada novo dia.

A todos os meus amigos, por me ofertarem a coisa mais valiosa que podemos encontrar nesse mundo: a amizade.

O que mais dói

O que mais dói não é sofrer saudade
Do amor querido que se encontra ausente
Nem a lembrança que o coração sente
Dos belos sonhos da primeira idade.
Não é também a dura crueldade
Do falso amigo, quando engana a gente,
Nem os martírios de uma dor latente,
Quando a moléstia o nosso corpo invade.
O que mais dói é o peito nos oprime,
E nos revolta mais que o próprio crime,
Não é perder da posição um grau.
É ver os votos de um país inteiro,
Desde o pracião ao camponês roceiro,
Pra eleger um presidente mau.

Patativa do Assaré

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo verificar de que modo a obra de Patativa do Assaré pode ser utilizada em sala de aula, numa turma do 7º ano de Ensino Fundamental, a fim de promover a valorização das variações linguísticas da Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico. De modo mais específico, este estudo objetivou: promover a leitura de obras da literatura popular, mais especificamente a do autor Patativa do Assaré, como forma de valorizar a cultura popular, as variações linguísticas e combater o preconceito linguístico; verificar a pertinência do estudo de variação linguística na obra de Patativa do Assaré; construir um guia pedagógico para o docente que possa subsidiar o ensino de Língua Portuguesa, no tocante ao estudo das variações linguísticas a partir da utilização da literatura popular, mais especificamente a obra de Patativa do Assaré, para o trabalho com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, tendo como instrumentos operacionais a pesquisa bibliográfica e análise documental. Para a construção do referencial teórico, foram utilizadas contribuições das produções de autores como Cavalcante (2019), Silva (2019), Sousa (2019), Souza (2017), Silva (2018), Silva (2017), Nogueira (2017), Rebouças (2017), Medeiros (2016), Mezavila e Cruz (2016), Moura (2015), Souza (2014), Brito (2009), Bagno (2007), Cobra (2006), Pinheiro (2006), dentre outros referenciais. Consultamos, também, o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na parte que trata sobre o ensino da Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental. Por fim, elaboramos uma proposta de intervenção com vistas a auxiliar professores de Língua Portuguesa no ensino das variações linguísticas a partir da utilização da literatura popular, mais especificamente, a obra cordelística de Patativa do Assaré.

Palavras-chave: Variações Linguísticas. Literatura de Cordel. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

This research aims to evaluate the characteristics of Patativa do Assaré's work, as well as to verify how his work can be used in the classroom, in a 7th year class of Elementary Education, in order to promote the valorization of Portuguese language variations and to combat linguistic prejudice. More specifically, this study aims to: promote the reading of popular literature works, more specifically the Patativa do Assaré ones, as a way of valuing popular culture, linguistic variations and combating linguistic prejudice; to analyze a section of the works of Patativa do Assaré, in order to know its main erudite and popular elements, as well as its relevance to work with the linguistic variations of the Portuguese language in the 7th year of Elementary School; as well as, construct a pedagogical guide for the teacher that can subsidize the teaching of Portuguese Language with regard to the study of linguistic variations from the use of popular literature, more specifically the work of Patativa do Assaré, for working with 7th grade classes. Elementary School. To develop the theoretical framework of this research, contributions from the productions of authors such as Cavalcante (2019), Silva (2019), Sousa (2019), Souza (2017), Silva (2018), Silva (2017), Nogueira (2017), Rebouças (2017), Medeiros (2016), Mezavila; Cruz (2016), Moura (2015), Souza (2014), Brito (2009), Bagno (2007), Cobra (2006) and Pinheiro (2006) a priori; other references will be consulted during the research. We also consulted the text of the Common Curricular National Basis (BNCC) in the part that deals with the teaching of the Portuguese language for the final years of Elementary Education. It is intended, from the realization of this research and the elaboration of a didactic sequence, to assist teachers of Portuguese Language in the teaching of linguistic variations from the use of popular literature, more specifically, Patativa do Assaré's work.

Keywords: Linguistic Variations. Cordel Literature. Patativa do Assaré.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Percurso metodológico e motivação para a pesquisa	10
1 A LITERATURA DE CORDEL E O ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	17
1.1 Literatura: por um conceito humanizador	17
1.2 Língua e variações linguísticas: a relação interacional da linguagem	24
2 POSSIBILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DOS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ EM PROCESSOS EDUCATIVOS	29
2.1 O ensino de Língua Portuguesa na BNCC e a Literatura de cordel	29
2.2 Patativa do Assaré: o poeta do sertão	34
2.3 Da literatura marginal à erudição: aspectos da obra de Patativa do Assaré ...	38
3 METODOLOGIA E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA	45
3.1 Percurso metodológico da pesquisa	45
3.2 Proposta de intervenção didático-pedagógica: oficinas de cordéis	45
4 CORDELIZANDO COM PATATIVA DO ASSARÉ: Conhecendo as variações da língua para combater o preconceito linguístico	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO: Percurso metodológico e motivação para a pesquisa

O Brasil é composto por uma heterogeneidade de raças, culturas e falares que o torna um país singular dentre os demais também colonizados por povos estrangeiros. Há uma mistura de características que tornam esse país complexo e multifacetado. As variações linguísticas existentes no território nacional representam a diversidade de falares que formam a Língua Portuguesa.

O nosso idioma é constituído de diversas variações que caracterizam os diversos traços culturais das regiões brasileiras e revelam o quão heterogêneo é o nosso país. Aspectos históricos, sociais, culturais, geográficos, dentre outros, imprimem, na Língua Portuguesa, muitas variações linguísticas que enriquecem o nosso idioma e caracterizam a variedade de componentes linguísticos que formam o português brasileiro.

Assim, a diversidade de falares encontrada em território nacional representa os traços culturais, históricos e sociais do povo brasileiro perpetuando-se por força das tradições e se modificando em função do passar do tempo e do surgimento de novas variantes. Logo, é uma característica que torna mais rica, interessante e, ao mesmo tempo, complexa a Língua Portuguesa. Contudo, esse aspecto marcante de nossa língua, muitas vezes, é entendido como desvio à norma culta, sendo, portanto, estigmatizado e, até mesmo, marginalizado.

A primazia pela utilização da norma culta acaba por pormenorizar as variações linguísticas, relegando-as a uma situação de inferioridade dentro da língua. Desse modo, os dialetos, as gírias, a linguagem informal e tudo o que foge ao padrão de nosso idioma acaba sendo entendido como desvio à norma que não merece atenção e respeito e que não deve permear o vocabulário de pessoas letradas. Nessa perspectiva, surge o entendimento, para muitas pessoas, de que a utilização de variações da Língua Portuguesa significa pobreza vocabular, falta de estudo e ignorância.

Daí tem-se o preconceito linguístico, que, pela primazia dada à norma culta, desconsidera as variações linguísticas e busca delas retirar a legitimidade que lhes confere a caracterização dos diversos modos de falar que habitam o território brasileiro. Assim, as variações apresentadas pela Língua Portuguesa, em suas mais diversas regiões e entre os indivíduos e seus diversos contextos e circunstâncias, ao invés de representar riqueza vocabular e de serem consideradas importantes por

configurar os diversos modos de ser e viver, nas mais diversas regiões do país, são, muitas vezes, escamoteadas por não atenderem às exigências da norma padrão.

Contudo, é preciso compreender que na utilização de nossa língua materna não deve haver a ideia de acertos ou erros absolutos, mas de adequação ou inadequação do uso de cada tipo de linguagem, nas mais diversas situações, em locais diversos e com uma pluralidade de pessoas. Isso implica reconhecer que não há maior importância do uso da norma padrão sobre a variedade de falares que compõem o nosso código linguístico. É essencial reconhecer a importância da utilização da norma padrão de nossa língua, contudo, não há como desmerecer as variações linguísticas que configuram a diversidade presente no povo brasileiro.

Assim, ao invés do preconceito linguístico, que efetua cisão entre as pessoas que dominam a língua padrão e as que não a dominam, é preciso percorrer o caminho inverso a essa lógica perversa, na direção do respeito às variações linguísticas. Há diferentes falares em nosso território, e não se trata de aceitar ou não que variações da língua existam em nosso código linguístico – até mesmo porque elas existem e não deixarão de existir –, mas de percebê-las como manifestação da heterogeneidade da qual resultam os brasileiros e como instrumento, também, de (re)conhecimento da própria língua.

E é justamente isso que o ensino da Língua Portuguesa deve promover, de modo que os alunos possam aprender a língua padrão, sua utilização, mas não deixem de perceber, também, a importância das variações linguísticas e de respeitá-las como manifestações da cultura e da diversidade brasileira. É, pois, na perspectiva da valorização das variações linguísticas associada ao estudo da norma padrão que se deve desenvolver um ensino de Língua Portuguesa atinente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Segundo a BNCC, o ensino das variações linguísticas deve possibilitar ao aluno o reconhecimento das variedades da língua falada, do conceito da norma padrão e de preconceito linguístico, de forma que o aluno possa, consciente e reflexivamente, utilizar as regras e as normas da língua padrão, tanto falada quanto escrita, nas mais diversas situações em que ela deve ser utilizada.

A valorização das variações linguísticas existentes em nosso país é uma das premissas para a formação do cidadão munido de consciência crítica, uma vez que a criticidade demanda o respeito às diferenças e à diversidade, o que vai de encontro ao preconceito linguístico. Desse modo, cabe ao ensino de Língua

Portuguesa a busca por valorizar as variações linguísticas que compõem o nosso idioma, além de combater o preconceito linguístico, demonstrando ao aluno a riqueza vocabular compreendida nas diversas variações que existem em nosso país.

Tendo em vista a nossa própria localização geográfica, qual seja o Nordeste, e a diversidade de variações que a nossa língua adquire nas mais diversas localidades dessa região, interessou-nos estudar a literatura popular e sua utilização no ensino da Língua Portuguesa. Temos uma imensa riqueza cultural que se reverbera nas diversas variações encontradas nessa região; são nove estados com aspectos culturais, sociais, históricos e geográficos distintos, nos quais desenvolveu-se uma enorme quantidade de variações linguísticas e, conseqüentemente, de manifestações culturais ligadas à linguagem, como é o caso das poesias e canções populares, dos cordéis e repentes, por exemplo.

Há diversos representantes da literatura popular nordestina que recitam seus versos e cantam suas canções que contam a história do povo nordestino; dentre eles, destaca-se Patativa do Assaré, cantor, compositor, repentista e poeta, que com sua arte representou a cultura marginalizada do Nordeste, elevando-a a um patamar de destaque no cenário literário e cultural brasileiro. A arte de Patativa do Assaré representa a figura do nordestino, do povo sertanejo sofrido, a triste realidade dessa gente marginalizada e esquecida. E não somente isso, mas o desejo de ver um outro contexto se delinear para o seu povo.

Tendo em vista a grandeza da obra de Patativa e sua representatividade do povo nordestino, entendemos que essa literatura pode contribuir, de forma significativa, para o estudo das variações linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, uma vez que constitui um acervo de construções populares, de fácil entendimento para o povo iletrado, mas que não deixa de apresentar aspectos de erudição imiscuídos em seu bojo. É, portanto, uma obra que muito pode oferecer aos leitores e estudiosos da Língua Portuguesa e pode, ainda, subsidiar o ensino dessa disciplina, de modo a demonstrar a diversidade de variações que compõem nossa língua materna, mais especialmente, os falares que compõem a região Nordeste do país.

Nesse sentido, a presente pesquisa desenvolveu-se a partir da seguinte questão norteadora: De que modo pode-se utilizar a obra de Patativa do Assaré no estudo e valorização das variações linguísticas no ensino de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental? Desse modo, este estudo teve como objetivo

verificar de que modo a obra de Patativa do Assaré pode ser utilizada em sala de aula, numa turma do 7º ano de Ensino Fundamental, a fim de promover a valorização das variações linguísticas da Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico. De modo mais específico, buscou-se: a) Promover a leitura de obras da literatura popular, mais especificamente a do autor Patativa do Assaré, como forma de valorizar a cultura popular, as variações linguísticas e combater o preconceito linguístico; b) Verificar a pertinência do estudo de variação linguística na obra de Patativa do Assaré; c) Construir um guia pedagógico para o docente que possa subsidiar o ensino de Língua Portuguesa no tocante ao estudo das variações linguísticas a partir da utilização da literatura popular, mais especificamente a obra de Patativa do Assaré, para o trabalho com turmas do 7º ano do Ensino Fundamental.

A diversidade de variações linguísticas existentes no Brasil, e mais especificamente no Nordeste, constitui-se como uma característica da riqueza cultural do nosso povo. É preciso, pois, que sejam valorizadas ao invés de estigmatizadas. O ensino da Língua Portuguesa deve, dessa forma, primar pelo combate ao preconceito linguístico e pela valorização das variações linguísticas.

É de suma importância que as diversas variações que compõem a nossa língua sejam valorizadas e estudadas, pois representam a heterogeneidade do povo brasileiro. Assim, no ensino de Língua Portuguesa, para além da primazia pela aprendizagem da norma padrão, é preciso respeitar as variações assumidas pelo nosso idioma, de modo que o aluno possa perceber que as variações não assumem posição de inferioridade por não atenderem às exigências da língua padrão, mas se caracterizam como aspectos culturais, sociais, históricos e geográficos dos indivíduos.

Durante muito tempo, a literatura popular foi entendida como literatura marginal, justamente por não apresentar, nitidamente, aspectos de erudição. A erudição é sempre uma característica esperada de obras literárias, e isso se relaciona, também, com o próprio processo colonizador, uma vez que fomos colonizados por povos europeus, cuja cultura foi disseminada em nosso território. Contudo, mesmo não apresentando, muitas vezes, aspectos de erudição, a literatura popular se compõe de obras muito bem construídas e que apresentam características de bons textos, além de apresentar os aspectos referentes às vidas simples e pobres dos povos os quais retrata.

É nessa perspectiva de reconhecimento e valorização das variações da língua, do conceito da norma padrão e de preconceito linguístico que a BNCC orienta o ensino da Língua Portuguesa, de modo que o aluno possa fazer uso das regras e das normas da língua padrão, tanto falada quanto escrita, de forma consciente e reflexiva, nas mais diversas situações em que ela deve ser utilizada. Além disso, a BNCC orienta o trabalho com a literatura numa perspectiva em que o aluno se aproprie dos conhecimentos literários – a partir da literatura erudita e da literatura popular – e que apresente uma postura crítica quanto à leitura, isto é, seja capaz de ler significativamente, atribuindo sentido àquilo que lê.

Nesse sentido, tendo em vista a riqueza cultural existente nas variações linguísticas de nosso idioma, sobretudo nos falares característicos da região Nordeste do país, e a vasta literatura popular produzida por artistas nordestinos, que retratam tão bem a vida e a realidade dos povos sertanejos, além das orientações da BNCC, inferimos que há relevância em se estudar a aplicabilidade da utilização da obra de Patativa do Assaré no estudo das variações linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que esse autor foi um dos maiores representantes da literatura popular nordestina e fez uso de linguagem informal com variações linguísticas em seus textos, sem, contudo, deixar de apresentar aspectos de erudição.

Assim, é mister nos debruçarmos sobre essa temática à luz da ciência, para buscar compreender de que modo se pode ressignificar o estudo das variações linguísticas no ensino de Língua Portuguesa, de forma a valorizá-las a partir do estudo de obras da literatura popular nordestina. Nesta perspectiva, inferimos que a presente pesquisa apresenta relevância social e acadêmica, pois apresenta *corpus* científico que lhe dê respaldo, uma vez que a ciência já se debruça sobre a literatura popular para entendê-la, valorizá-la e disseminá-la. Assim, faz-se importante, dada a relevância da obra de Patativa do Assaré e suas possibilidades educativas, que se estude a literatura popular sobre esse prisma, a fim de possibilitar melhorias na qualidade do ensino e da aprendizagem dos estudos linguísticos que compõem a Língua Portuguesa.

A presente pesquisa teve por objetivo verificar de que modo a obra de Patativa do Assaré pode ser utilizada em sala de aula, numa turma do 7º ano de Ensino Fundamental, a fim de promover a valorização das variações linguísticas da

Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico. Para tanto, apoiamos-nos na pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Chizzotti (1991, p. 79), é:

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Segundo Minayo (2002, p. 21-22), a pesquisa qualitativa:

[...] se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa exigiu a análise do documento da BNCC a fim de investigar a proposta curricular para o ensino de Língua Portuguesa do 7º ano do Ensino Fundamental. Tal procedimento configurou a análise documental, cuja “[...] fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 173). Assim, a análise documental ocorre a partir da apreciação de materiais que não sofreram tratamento analítico dentro da perspectiva em estudo (GIL, 2008), como é o caso da proposta curricular da BNCC para o ensino da Língua Portuguesa.

Como resultado e produto final desta pesquisa, elaboramos uma proposta de intervenção a fim de auxiliar os professores de Língua Portuguesa no ensino das variáveis linguísticas a partir da utilização da literatura popular, mais especificamente a obra cordelística de Patativa do Assaré. Dessa forma, construímos uma proposta na qual os/as professores de Língua Portuguesa possam trabalhar com a literatura popular na pesquisa e construção de cordéis como forma de valorização das variações linguísticas e superação do preconceito linguístico.

Escolhemos desenvolver a presente pesquisa na perspectiva do ensino das variantes linguísticas, partindo dos cordéis de Patativa do Assaré, porque nos identificamos com a literatura popular, uma vez que temos raízes nordestinas, residimos e exercemos a docência nessa região geográfica e muito percebemos o

quanto as variantes de nossa região ainda são rechaçadas, não reconhecidas como manifestações culturais do povo nordestino e como as obras da literatura popular têm um grande potencial pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa e não são amplamente utilizadas no ambiente escolar como instrumentos para a promoção da relação ensino-aprendizagem.

Tendo isso em vista, no intuito de promover o ensino das variações linguísticas e a literatura popular, empreendemos a seguinte pesquisa na perspectiva de que o ensino de Língua Portuguesa, a partir da literatura – erudita ou popular –, tem um fator humanizador, e é isso que nos leva a entender que o ensino desse componente curricular deve transcender a ideia de uma supremacia da norma culta em detrimento das variações da língua.

Esta dissertação está assim dividida: a primeira parte refere-se à introdução deste trabalho, na qual apresentamos a temática sobre a qual desenvolvemos nossa pesquisa; o primeiro capítulo trata do estudo das variações linguísticas e do uso da literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa; o segundo capítulo aborda as possibilidades didático-pedagógicas da literatura de cordel de Patativa para o processo educativo; o terceiro capítulo apresenta a metodologia a partir da qual a presente pesquisa foi desenvolvida; o produto final é apresentado no quinto capítulo e concluímos a pesquisa apresentando as contribuições do trabalho para o ensino da Língua Portuguesa. Passaremos agora para o capítulo I que versará sobre as variações linguísticas, a literatura de cordel e as aulas de Língua Portuguesa.

1 A LITERATURA DE CORDEL E O ESTUDO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

1.1 Literatura: por um conceito humanizador

A literatura consiste em uma das diversas manifestações artísticas do ser humano que representa comunicação, expressão da criatividade através da linguagem, resumidamente, a arte das palavras. Segundo Lajolo (1989, p. 43), a literatura é:

A porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. [...] Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela ficaria do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E o que é fundamental, ao mesmo tempo em que se cria, aponta para o provisório da criação.

Nessa perspectiva, a Literatura se configura como a arte das palavras, uma vez que suas diversas formas possíveis de articulação, sob a forma de texto literário, possibilitam-nos entender que há diversos pontos de vista retratados a partir dos diversos escritores. Isso porque a palavra é dinâmica, tem vida e se manifesta na literatura a partir de diversas formas de entender o mundo que cada escritor retrata em suas obras literárias. Conforme Santos (2016, p. 18), “literatura seria, portanto, a arte da palavra em movimento. Um movimento que evolui dentro de um panorama sócio-histórico e cultural capaz de fazer com que o homem se reconheça e reconheça seus pares a partir da sua leitura”.

A literatura tem a capacidade:

[...] de produzir possibilidades de compreensão e sensibilidades devido a sua natureza estética e expressiva e acede que o contato com ela, franqueie a cada um de nós, jovens, adultos e crianças, dialogar neste e em outros contextos, tempos e lugares. A Literatura configura-se, então, como um direito de todo ser humano e, assim como outros bens, deve se fazer presente na vida dos indivíduos, porque os humaniza (WERNER, 2017, p. 21).

Entendemos a literatura como a arte da humanização, um meio de expressão por palavras ditas – e até mesmo não ditas – das muitas subjetividades, pontos de

vista, perspectivas de mundo, formas de entender a vida. É, pois, não somente uma manifestação artística e cultural, mas uma manifestação do ser ontológico; é processo de humanização. Conforme Candido (1995, p. 186), “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

A literatura nos humaniza à medida que nos possibilita olhares diversos para a realidade, também diversa, mediada pela palavra, conforme aponta Werner (2017, p. 22):

[...] a literatura a tem sido um instrumento poderoso de instrução, de educação de cada povo através da palavra ao longo do tempo. Daí sua significância, pois carrega a possibilidade de transcendência do próprio tempo e do meio do qual o sujeito já é parte. Esta transcendência implica lançar um olhar outro, ainda que pelo outro de mim mesmo, para esse meio, essa minha realidade, esse cotidiano do qual sou parte. Isto é, para nós, a tônica do papel humanizador, pois imersos em realidades cotidianas, ocupados com fazeres necessários apenas à nossa sobrevivência, temos dificuldade de pensar sobre nós mesmos, sobre os outros, sobre os modos de organização social, e a Literatura possibilita esse exercício de reflexão.

É a literatura a arte das palavras, mas também a arte de fazer as palavras adquirirem sentidos diversos, já que diversos são os pontos de vista e perspectivas dos escritores que se arriscam a fazer literatura da realidade. É esse entendimento de literatura como arte, como necessidade humana e processo de humanização que norteia a nossa pesquisa e nos faz pensar esse fator humanizador a partir da literatura popular, por vezes rechaçada, por não primar pelo culto e pela erudição, no trabalho com a Língua Portuguesa.

Dentre as diversas formas de se ver, entender e pensar a literatura temos a literatura popular que, como o próprio nome já evidencia, decorre das experiências, muitas vezes iletradas, do povo que retrata sua cultura e seus modos de perceber e viver a vida sob a forma de poemas, versos, cantigas, cordéis, dentre tantos outros. Segundo Guerreiro (1986, p. 2), “literatura popular é, pois, a que corre entre o povo, a que ele cria, e a alheia de que gosta e adota”; é aquela “[...] que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade de suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico” (SILVA, 1994, p. 116).

Constituindo-se, mais comumente, da oralidade para expressar-se, a literatura popular é reveladora dos traços culturais do povo, mais especificamente as camadas economicamente menos abastadas da população. É a forma do povo mais humilde e menos favorecido expressar-se e demonstrar sua cultura, sua fé, suas concepções de mundo, como também de denunciar as situações vivenciadas e negligenciadas historicamente por agentes políticos.

Mesmo de tão grande importância e riqueza cultural, a literatura popular ainda é vista como uma manifestação artística à parte da erudição, portanto, de menor valor; ainda há uma espécie de dicotomia entre a literatura popular e a erudita, conforme aponta Guerreiro (1986, p. 4):

Uma de homens de saber, de longa informação escolar, outra de quem não alcançou a intimidade dos livros. À ciência do povo chama-se-lhe sabedoria, conhecimento empírico que lhe não dá para conhecer as verdadeiras causas dos fenómenos que observa, um empirismo bruto que o confina a uma limitada atividade intelectual, como se um saber profundo se não alcançasse no livro aberto da natureza, no do convívio dos homens, na experiência do quotidiano. Literatura popular e literatura culta é antinomia igualmente falsa. Não há gente com cultura e sem ela. Tem cada classe a sua, que diverso condicionalismo histórico, social e económico explicam. Não há uma baixa ou ínfima cultura e uma alta ou superior. Ainda aqui anda a falsa ideia de que só o ensino instrui, noção clássica e escolar de cultura. Esta é tudo o que se aprende do nascer ao morrer, o conjunto das tradições sociais e este conceito antropológico nos salva de errados juízos de valor (GUERREIRO, 1986, p. 4).

Importante observar que o fato de reconhecermos a existência de culturas diversas, a depender da classe social ocupada pelos sujeitos, não implica no reconhecimento da supremacia de uma cultura em detrimento de outra. Implica compreender que cada classe social se manifesta culturalmente, de modo diverso, a partir de suas vivências, das características de seus contextos, e que suas manifestações culturais são igualmente importantes, não havendo maior relevância, por exemplo, na erudição sobre a cultura popular.

Apesar de não se constituir a partir da erudição, a literatura popular convive com as manifestações artísticas eruditas, estando presente em várias instâncias da vida das pessoas, independentemente das classes sociais nas quais estão inseridas, a exemplo do cordel, que convive de modo pacífico e enriquecedor com a literatura erudita (SANTOS, 2016), constituindo-se, inclusive, como um instrumento pedagógico para o trabalho na educação escolar formal, como a proposta que apresentamos neste texto.

A literatura popular é constituída de diversas manifestações culturais, tais como: lendas, contos populares, mitos, provérbios, orações, rezas, fórmulas de superstições, orações com escárnio, pragas, agouros ou profecias, quadras, autos populares, romanceiros, cordéis, dentre outros. Nesta pesquisa, optamos por trabalhar com a literatura de cordel, uma das diversas manifestações da literatura popular. O cordel foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses e recebe esse nome porque tradicionalmente era vendido pendurado em cordões nas feiras livres (CAVALCANTE, 2019; SILVA, 2017; CARMO, 2016); vem da tradição oral e tem sua origem na Idade Média, sendo utilizado desde o século XVI como veículo informativo e modo de registro de narrativas populares (SILVA, 2017). Consiste num “[...] gênero literário considerado popular por ser escrito através de rimas e ter suas origens na oralidade de uma comunidade e só depois ser impresso” (CARMO, 2016, p. 40).

Segundo Silva (2017, p. 35-36):

Aqui no Brasil, através do paraibano Leandro Gomes de Barros, o Cordel ganhou o formato que tem hoje. No final do século XIX, Leandro produzia, imprimia e vendia seus cordéis de cidade em cidade, com isso conseguia sustentar a sua família. Esses folhetos se espalharam pelo Nordeste e, depois, por todo o Brasil obtendo grande aceitação popular e alcançando milhares de exemplares vendidos. Personagens como Lampião, Padre Cícero, políticos e artistas conhecidos nacionalmente eram elementos bastantes presentes nos folhetos.

A literatura de cordel representa uma característica marcante do povo nordestino sendo “[...] um dos meios mais populares de contar história, pois apresenta uma linguagem simples e atraente com versos rimados e cheios de enfeites que encantam quem lê ou ouve” (MEZAVILA; CRUZ, 2016, p. 8). Por meio dos cordéis, os nordestinos contam sua história, denunciam a situação desfavorecida em que vivem, contam grandes feitos de heróis e figuras importantes nacionalmente conhecidos. Assim, a “[...] literatura de cordel é uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil” (CURRAN, 2009 apud CAVALCANTE, 2019, p. 31).

Silva (2017, p. 36) aponta:

Os versos do Cordel são sempre rimados e há uma complexa relação entre o contador/ narrador e o leitor/ ouvinte, gerando assim, um efeito na escrita que é pautado no código da linguagem oral. O código poético do Cordel

reelabora e remete às antigas histórias transmitidas através de um discurso verbalizado voltado à coletividade.

O cordel remete à transmissão cultural que era predominantemente oral no Nordeste brasileiro; é um tipo de literatura ainda considerada como marginal por aparentemente não apresentar elementos de erudição. Contudo, o cordel é um texto que segue uma lógica poética, porém, se apresenta sob a forma de língua não padrão, a fim de se popularizar e alcançar as pessoas menos letradas, mais simples, mas cheias de histórias de vida e de luta, que cabem nos versos de cordel elaborados pelos sertanejos.

Segundo Mezavila e Cruz (2016, p. 11):

Nos poemas de cordel predominam, com relação ao aspecto formal, as sextilhas, estrofes de seis versos, mas também há setessilábica, a quadra e a estrofe de dez versos. Quanto à linguagem, o cordel conserva um caráter popular, por isso, ela é manifestada fazendo uso de uma linguagem oral ou o mais próximo da oralidade.

Sobre a estrutura do cordel, Carmo (2016, p. 41) destaca:

No Nordeste brasileiro os folhetos têm as capas ilustradas com xilogravuras e sua estrutura de estrofes é composta geralmente por dez (10), oito (8) ou ainda seis (06) versos elaborados pelos poetas populares chamados de cordelistas, que fazem suas leituras ou declamações acompanhadas do som de uma viola para divulgar suas obras e conquistar compradores nas feiras, livrarias ou apresentações culturais. Os folhetos possuem temas variados sendo eles fatos do dia a dia, lendas, fatos históricos, crenças religiosas, mistérios e outros. São produzidos nos estados da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, onde atingem elevado número de exemplares distribuídos, colaborando com o incentivo a leitura.

Ainda acerca da estrutura do cordel, Cavalcante (2019, p. 32) afirma:

A estrutura mais usual é da sextilha (estrofes de seis versos) em redondilhas maiores (versos de sete sílabas poéticas) com rimas ABCBDB. Usam-se também outras estruturas, dentre elas, a setilha (estrofes de sete versos de sete sílabas), a décima (estrofes de dez versos de dez sílabas) e o martelo agalopado (estrofes de dez versos de dez sílabas). É válido destacar que a metrificação presente nos poemas é feita, muitas vezes, “de ouvido”, somente alguns poetas empregam a contagem silábica. Os versos cuja métrica não é perfeita são considerados versos de pé quebrado.

Conforme apontado pelos autores supracitados, o cordel é um tipo de literatura que possui características distintas, seguindo uma estrutura poética,

construído numa linguagem mais informal e “[...] devido a sua espontaneidade é considerado uma das manifestações culturais brasileiras mais sensíveis às questões sociais, uma vez que traz em seus versos críticas e reflexões de camadas tratadas como inferiores” (CARMO, 2016, p. 41). Desse modo, o cordel se constitui um tipo de literatura na qual as questões subjetivas que envolvem o povo nordestino são postas em evidência; esse povo que historicamente sofre com a seca, a falta de emprego, de condições dignas de saúde e de vida é autor e protagonista de histórias contadas e cantadas nos versos dos cordéis.

A literatura de cordel apresenta uma enorme riqueza cultural com grande potência para o trabalho em sala de aula. Carmo (2016, p. 54) salienta:

A Literatura de Cordel oferece contribuições para o meio educacional quando esta disponibiliza para o aluno uma visão sobre o mundo plural, e propõe a estes questionamentos sobre sua posição e status social em relação ao contexto que vivencia e em posição a outros, fazendo com que o discente encontre nessas produções textuais vozes que estimulem sua formação moral, econômica, política e sócio-cultural.

Em Língua Portuguesa pode-se fazer uso dos cordéis nas aulas de literatura, como também no estudo das variações linguísticas que ocorrem em território brasileiro, em consonância com as orientações da BNCC. Esse documento orienta, no tocante ao trabalho com as variações linguísticas, que o aluno deve desenvolver a habilidade de reconhecer as variedades da língua falada, o conceito da norma padrão e preconceito linguístico, de forma que possa, consciente e reflexivamente, fazer uso das regras e das normas da língua padrão, tanto falada quanto escrita, nos mais diversos contextos em que ela deve ser utilizada. Com relação ao ensino de literatura, a BNCC orienta que se deve possibilitar ao aluno a apropriação dos conhecimentos literários, tanto da literatura erudita quanto da popular, e que possa apresentar uma postura crítica em relação à leitura, isto é, se torne capaz de ler atribuindo sentido àquilo que lê, de modo significativo.

Carmo (2016, p. 58) observa:

A Literatura de Cordel é um elemento muito expressivo da cultura popular brasileira, principalmente do nordeste. Seus folhetos, com seus versos, rimas e temas variados podem ser usados como estratégia para melhorar a leitura e aperfeiçoar a compreensão. Assim, quanto mais um aluno tiver acesso à linguagem e suas variadas representações, inteirando-se delas, certamente este estará com uma melhor qualificação para entender a sociedade e conviver com esta, atuando.

Além do despertar da criticidade pretendida aos alunos, uma vez que os cordéis trazem histórias diversas muitas delas relacionadas à vida do povo nordestino e sua saga, a utilização da literatura de cordel nas aulas de Língua Portuguesa ainda pode possibilitar a eles o reconhecimento e a valorização das variações linguísticas como manifestações culturais de nossa língua. Não somente os textos eruditos têm muito a ensinar, mas os populares também, e o trabalho com uma diversidade de textos – eruditos e populares – muito pode contribuir para a construção de conhecimentos linguísticos pelos alunos.

Segundo Teles (2017, p. 44):

A utilização deste gênero em sala de aula, sugerido pelos PCN como objeto de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, através do qual os alunos ficam expostos à pluralidade cultural, visa proporcionar ao educando, além de informação e entretenimento, o contato com os mais diversos temas do cotidiano. Objetiva-se ainda oportunizar o conhecimento e a apreciação da cultura popular brasileira, principalmente, a nordestina, haja vista a mesma ser possuidora de contextos significativos e exemplos reais de uso das variações linguísticas, permitindo que os educandos tenham uma compreensão satisfatória das mesmas, já que o gênero utiliza expressões e palavras comuns à fala coloquial e próximas à sua realidade.

Nessa perspectiva, o trabalho com a literatura de cordel em sala de aula, no componente Língua Portuguesa, tem por objetivo valorizar a cultura popular e as variações linguísticas contidas nos cordéis, de modo a superar o preconceito linguístico, bem como promover informação e conhecimento acerca dos diversos temas tratados nesses folhetins.

Neste sentido, Carmo (2016, p. 59) preconiza:

Na sala de aula, o professor de Língua Portuguesa precisa trabalhar com a variedade de gêneros textuais e apresentar a finalidade de cada um, considerando a formação de alunos leitores e observar o material que estes têm acesso para desenvolver a prática de leitura. Devemos entender as práticas da linguagem como um conjunto onde o indivíduo se dispõe a desenvolver sua capacidade de usar a língua e refletir sobre os significados desta. Um dos desafios da Língua Portuguesa é considerar a variedade de textos e organizá-los como fonte para desenvolver as competências linguísticas e comunicacionais dos alunos, assim este estará apto para enfrentar os desafios do mundo pós-moderno, entendendo as novas relações construídas a partir do contexto cultural. Nesse sentido, o Cordel pode ser empregado na sala de aula, uma vez que este é um recurso que utiliza a linguagem para construir significados e formar o senso crítico a partir de interpretações sobre o mundo.

Diante disso, tendo em vista o potencial educativo existente na literatura de cordel e a necessidade de possibilitar ao aluno o conhecimento das diversas variações linguísticas existentes em nosso idioma, bem como de habilitar-lhe de modo que ele se torne um leitor crítico e reflexivo, pode-se dizer que os cordéis têm muito a contribuir com o processo educacional, de forma a levar esse tipo de literatura ao conhecimento e reconhecimento dos alunos, primando por superar o preconceito linguístico e incentivando a valorização das variações linguísticas que permeiam o nosso país.

Dando seguimento a essa discussão, passaremos para a seção 2.2, na qual abordaremos as relações e os conceitos linguísticos nos textos literários. Para isso, discutiremos aspectos conceituais acerca da linguagem, da fala e da língua, abordando a importância da relação interacional da linguagem e percorrendo um pouco sobre a Sociolinguística, além de tratarmos sobre as variações linguísticas e o preconceito linguístico e a proposta da BNCC para o ensino de Língua Portuguesa.

1.2 Língua e variações linguísticas: a relação interacional da linguagem

A comunicação é uma característica marcante dos seres humanos que possibilita a socialização. Comunicando-se, os sujeitos interagem, trocam experiências, constroem conhecimentos, criam laços fraternos, enfim, sociabilizam-se. De acordo com Travaglia (2008 apud ROCHA, 2017, p. 47), “[...] é por meio da linguagem que acontece a interação entre os seres humanos, pela qual eles se comunicam, se entendem, produzem efeitos de sentidos nas situações de comunicação entre os falantes de uma esfera social”. É por meio da linguagem que os indivíduos se comunicam e, portanto, se socializam.

Nessa perspectiva, “não existe comunicação sem linguagem, pois ela, sendo verbal ou não, consegue transmitir qualquer tipo de mensagem” (ROCHA, 2017, p. 44). Conforme o pensamento de Rocha (2017, p. 47), “[...] a linguagem é a expressão do pensamento decorrente da comunicação entre os seres humanos e do entendimento no processo comunicativo dos indivíduos. Assim, é por meio da linguagem que interagimos e realizamos a comunicação verbal”.

Uma das formas de manifestação da linguagem é a língua, isso implica reconhecer que esses termos não são sinônimos e que a língua pertence ao

universo da linguagem, mas não o encerra. De acordo com Saussure (2006, p. 17), a língua:

[...] não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; [...] ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. [...] A esse princípio de classificação poder-se-ia objetar que o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional.

Rodrigues (2008, p. 9) afirma:

Para Saussure, a língua não é nada mais que um sistema de valores puros. Descartando toda possibilidade de que a língua pudesse ser uma descrição do mundo, o lingüista apresenta sua teoria, enfocando a língua como um fato social, produto da coletividade, que estabelece os valores desse sistema através da convenção social, sobre a qual o indivíduo não teria nenhum poder.

Segundo Saussure (2006), desse modo, a língua é convencionalmente estabelecida pelo social; ela se materializa na linguagem (ROCHA, 2017), contudo:

[...] mesmo sendo social não pode ser modificada por um único indivíduo; já a fala é individual, isto é, resultado de atos de vontade e inteligência que são individuais. A língua é social por ser comum a todo ser humano e por ser o principal veículo de comunicação verbal estabelecido entre os indivíduos, o que nos diferencia dos outros animais (ROCHA, 2017, p. 46).

Dessa forma, a língua é comum a todos os sujeitos, se constitui o principal instrumento de que o indivíduo se utiliza para comunicar-se verbalmente e se materializa na fala (RODRIGUES, 2008). Assim:

[...] a fala é um processo de interação verbal que se constitui através da comunicação entre os indivíduos, o que possibilita o entendimento entre os falantes. Dessa forma, ela é heterogênea e individual. A linguagem e a sociedade possuem forte relação, uma depende da outra, uma vez que a fala só é realizada por meio do homem em suas relações sociais (ROCHA, 2017, p. 46-47).

É através das relações sociais que a fala se realiza e que a comunicação verbal se estabelece. Esse processo de comunicação ocorre, então, no âmbito das

relações sociais, das interações entre os sujeitos, nas quais faz-se necessário o uso da linguagem para o estabelecimento da comunicação. Mediante a interações sociais os indivíduos se comunicam por meio da linguagem e fazendo uso da fala, o que nos leva a perceber uma indissociabilidade entre a linguagem e as interações sociais, além de reafirmar que a língua é dinâmica e está em constante movimento nas interações entre os sujeitos e, nesse processo de constante transformação que, na realidade, implica em processos de significação e ressignificação da língua, surgem as variantes ou variações linguísticas, as quais ainda sofrem preconceito por parte daqueles que não compreendem a dinamicidade da língua.

Varição linguística é “[...] um fenômeno que ocorre entre os indivíduos de uma determinada comunidade de fala” (ROCHA, 2017, p. 52). Essa concepção de variação linguística provém da Teoria da Variação, um dos modelos teórico-metodológicos da Sociolinguística. Segundo Cunha (2012, p. 4):

A teoria da variação centra-se na relação de conjunto língua e sociedade, considerando a variedade das formas em uso como objeto complexo, decorrente dos fatores internos, próprios do sistema linguístico e dos fatores sociais que interagem no ato da comunicação. A variação da língua constitui, portanto, um dado relevante da teoria e da descrição sociolinguística.

A variação linguística é uma característica presente em todas as línguas e sua ocorrência está relacionada a fatores tanto linguísticos e sociais quanto a fatores externos – idade, sexo, escolaridade, classe social, profissão, local de moradia etc. – que, vinculados aos padrões comportamentais, variando de acordo com o tempo e o lugar, se reverberam na linguagem (REIS; MACHADO; BARBOSA, 2011).

Existem variações linguísticas porque a língua é dinâmica, está em constante movimento de transformação, significando e ressignificando a linguagem. Devem ser entendidas como manifestações das transformações sofridas pela língua em função de sua dinamicidade. Não as reconhecer como importantes elementos da língua implica em reforçar o preconceito linguístico, que só admite a norma padrão como forma de comunicação social, e sabemos que o necessário é saber empregar a linguagem a depender do contexto no qual o falante se encontra.

O ensino das variações linguísticas deve primar, atinente à BNCC, pelo seu reconhecimento e valorização e pela superação do preconceito linguístico. O

preconceito linguístico advém de uma ideia historicamente enraizada, de que falar corretamente é fazer uso da língua e que toda variação que ocorre na língua incide em erro a ser corrigido (BAGNO, 2007).

Ocorre que a língua está sujeita a transformações por diversos fatores (como os que foram citados anteriormente), e tais mudanças não implicam necessariamente em erro, mas em variações apresentadas pela língua que merecem reconhecimento e valorização como formas de expressão de uma diversidade plural de sujeitos dispersos nas mais diversas regiões do país. É partindo do pensamento de que é importante levar a cultura popular para a escola como forma de possibilitar o reconhecimento e o respeito às variações linguísticas, bem como de superar o preconceito linguístico, numa perspectiva em que o domínio da língua, antes de representar poder, significa a expressão da dinamicidade da história da interação dos povos a partir da linguagem, que optamos por trabalhar com as variações linguísticas a partir da obra cordelista de Patativa do Assaré, como forma de verificar de que modo a obra do referido autor pode ser utilizada em sala de aula, numa turma do 7º ano de Ensino Fundamental, a fim de promover a valorização das variações linguísticas da Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico.

E é nesse contexto de compreensão da língua enquanto um fenômeno dinâmico que surge a Sociolinguística, ocupando-se das relações entre a sociedade e a língua, constituindo-se “[...] um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade focalizando precipitadamente os empregos concretos da língua” (MOLLICA, 2003 apud MEZAVILA; CRUZ, 2016, p. 6), tendo por objeto, portanto, o estudo da diversidade linguística.

De acordo com Reis, Machado e Barbosa (2011, p. 6442), “a sociolinguística é uma área de estudo e investigação do fenômeno linguístico em seu contexto social e cultural, em situações reais de uso dentro da comunidade linguística”. É, pois, uma área da Linguística que se ocupa das relações entre o social e a língua e das variações e mudanças sofridas pela língua nos processos de interação social.

O estudo das variações linguísticas pertence ao campo da sociolinguística que percebe a língua como um fenômeno heterogêneo e, portanto, passível de sofrer modificações as quais ocasionam o que chamamos de variantes linguísticas. Na perspectiva da sociolinguística as variações assumidas pela língua denotam sua heterogeneidade e capacidade de se modificar e renovar. Assim, nesse contexto, as

variantes, entendidas como características da heterogeneidade da língua, são percebidas como elementos capazes de subsidiar o ensino da Língua Portuguesa, como mostraremos no capítulo seguinte, no qual abordamos as possibilidades didático-pedagógicas dos cordéis de Patativa do Assaré para o processo educativo.

2 POSSIBILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DOS CORDÉIS DE PATATIVA DO ASSARÉ EM PROCESSOS EDUCATIVOS

2.1 O ensino de Língua Portuguesa na BNCC e a Literatura de cordel

O ensino de Língua Portuguesa, de acordo com as orientações da BNCC, deve “[...] proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2017, p. 67-68).

Desse modo, a BNCC orienta que o ensino da Língua Portuguesa deve primar pela aquisição de aprendizagens significativas de leitura e de escrita, intentando preparar os alunos para uma ativa participação na sociedade. Além disso, consta na BNCC que esse ensino deve ser atinente às transformações pelas quais vem passando o mundo, sobretudo no que respeita ao uso das novas tecnologias como instrumentos de informação e comunicação dos quais os alunos já fazem uso em suas vidas cotidianas – às vezes mau uso, é preciso considerar – e, nesse sentido, há uma:

[...] demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos (BRASIL, 2017, p. 69).

Desse modo, a BNCC objetiva que a Língua Portuguesa faça uso das novas tecnologias como forma de promover um ensino que desperte a criticidade do aluno e a compreensão da realidade que o cerca, como também de se apropriar de instrumentos tecnológicos que têm permeado a vida social e modificado as formas de se relacionar, informar, comunicar, trabalhar, estudar etc.

Dessa forma, a BNCC procura contemplar a cultura digital, diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde aqueles basicamente lineares, com baixo nível de hipertextualidade, até aqueles que envolvem a hipermídia. Da mesma maneira, imbricada à questão dos multiletramentos, essa proposta considera, como uma de suas premissas, a diversidade cultural. Sem aderir a um raciocínio classificatório reducionista, que

desconsidera as hibridizações, apropriações e mesclas, é importante contemplar o cânone, o marginal, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, a cultura digital, as culturas infantis e juvenis, de forma a garantir uma ampliação de repertório e uma interação e trato com o diferente (BRASIL, 2017, p. 70).

Além disso, a diversidade linguística e as variações linguísticas são também contempladas no texto da BNCC, no intuito de promover seu reconhecimento e valorização, bem como de superar o preconceito linguístico.

Assim, é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico. Por outro lado, existem muitas línguas ameaçadas de extinção no país e no mundo, o que nos chama a atenção para a correlação entre repertórios culturais e linguísticos, pois o desaparecimento de uma língua impacta significativamente a cultura (BRASIL, 2017, p. 70).

No âmbito do Ensino Fundamental – Anos Finais no ensino de Língua Portuguesa – “[...] amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências” (BRASIL, 2017, p. 136), no intuito de dar continuidade ao processo de constituição da autonomia do aluno e de favorecer seu protagonismo nas práticas de linguagem de seu cotidiano, tanto na escola quanto nos demais ambientes e situações da vida social.

No que respeita ao trabalho no campo artístico-literário:

[...] trata-se de possibilitar o contato com as manifestações artísticas em geral, e, de forma particular e especial, com a arte literária e de oferecer as condições para que se possa reconhecer, valorizar e fruir essas manifestações. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário, com especial destaque para o desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita. [...] Ressalta-se, ainda, a proposição de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que concorrem para a capacidade dos estudantes de relacionarem textos, percebendo os efeitos de sentidos decorrentes da intertextualidade temática e da polifonia resultante da inserção – explícita ou não – de diferentes vozes nos textos. [...] Outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim [...] os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados (BRASIL, 2017, p. 138-139).

É de suma importância observar que a BNCC faz referência à utilização de outros gêneros literários no trabalho com a Língua Portuguesa, não encerrando sua proposta apenas ao uso de determinados gêneros que, porventura, possam ser

considerados mais relevantes de serem estudados na escola. Isso abre espaço para que o professor incorpore ao seu trabalho a literatura popular como forma de ensino e aprendizagem da língua e de suas variações, como também de fomentar a leitura, a produção textual e de incentivar o desenvolvimento da criticidade do aluno.

Com relação ao estudo da língua, das demais semioses e da língua padrão, os conhecimentos:

[...] não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. Alguns desses objetivos, sobretudo aqueles que dizem respeito à norma, são transversais a toda a base de Língua Portuguesa. O conhecimento da ortografia, da pontuação, da acentuação, por exemplo, deve estar presente ao longo de toda escolaridade, abordados conforme o ano da escolaridade. Assume-se, na BNCC de Língua Portuguesa, uma perspectiva de progressão de conhecimentos que vai das regularidades às irregularidades e dos usos mais frequentes e simples aos menos habituais e mais complexos (BRASIL, 2017, p. 139).

Assim, o ensino de Língua Portuguesa, segundo a BNCC, deve primar pelo reconhecimento, por parte do aluno, da indissociabilidade entre os conteúdos estudados e as práticas de linguagem; isso possibilita a ocorrência de aprendizagens verdadeiramente significativas, uma vez que leva o estudante a compreender que o que se aprende na escola acerca da língua não representa um conteúdo descontextualizado e deslocado das práticas de linguagem desenvolvidas tanto na escola quanto nos demais ambientes e situações.

A literatura produzida por Patativa do Assaré apresenta vasta possibilidade de utilização didático-pedagógica no processo educativo. Pode-se inferir que se trata de uma obra transdisciplinar que pode oferecer suporte para o trabalho educativo em muitas disciplinas curriculares. É possível constatar isso observando uma grande quantidade de publicações científicas, cuja temática é o uso da obra desse poeta nos mais variados segmentos educacionais e em várias disciplinas escolares. Isso demonstra a riqueza do pensamento e da arte de Patativa e a importância de sua obra.

Em conformidade com Silva (2019, p. 44):

A literatura popular, principalmente através do cordel, desempenhou papel relevante como agente alfabetizador nos sertões nordestinos, nos quais havia uma carência de escolas. Com sua linguagem simples e abordando temas com os quais a população desassistida estava familiarizada, os versos simples dos poetas do povo informavam, ao mesmo tempo que divertiam os poucos leitores e os muitos ouvintes. Ademais, a rima e a métrica auxiliava na memorização de trechos, que eram repetidos por aqueles mais hábeis na arte de decorar e de recitar. A literatura popular, assim, funcionou como suporte alfabetizador extraescolar até a metade do século XX. Nos rincões mais afastados, em que o jornal, o rádio e, posteriormente, a televisão ainda eram raros, as obras populares, com destaque para o cordel, se constituíam em meio interessante de se propagação de notícias e como agente cultural.

Foi através dessa literatura popular, marginalizada, que muitos sertanejos tiveram acesso à educação, sendo alfabetizados, informados acerca do que acontecia em suas comunidades e nas comunidades vizinhas. A cultura popular nordestina foi, basicamente, transmitida por meio dessa literatura. Onde não havia escola, nem mídias informativas e comunicativas, a literatura popular – sobretudo os cordéis – se constituiu um importante recurso para, minimamente, instrumentalizar o povo sertanejo, possibilitando que aprendessem, ainda que em rudimentos, a ler e escrever, além de aprenderem sua própria cultura.

Nesta perspectiva:

Além de instrumento capaz de propiciar a inserção na leitura e escrita, a literatura popular possibilitou também a formação de uma consciência crítica, através do seu exercício como prática social, uma maneira de tornar o indivíduo capaz de se indignar diante da situação social em que se inseria, ao mesmo tempo que o estimulava a tentar transformá-la para melhor. Dessa forma, muitos nordestinos aprenderam a ler deletrando livros de feira lidos por pessoas semiletradas, mesmo em uma época em que eram escassas as escolas e que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem do campo (SILVA, 2019, p. 44).

Assim, essa literatura considerada, por muitos, marginal foi uma das principais ferramentas para a formação da consciência crítica do povo sertanejo, pois, para além de seu potencial educativo de alfabetização, expunha temáticas condizentes com a situação do nordestino que denunciavam a miséria, a pobreza e a exclusão e mostravam, também, a força desse povo, sua capacidade de lutar para sobreviver diante dos tantos problemas que assolam a região em que vivem. Neste sentido, pode-se inferir que um dos primeiros instrumentos politizadores do povo sertanejo foi essa literatura popular de que Patativa do Assaré é representante.

E esse tipo de literatura também se faz importante de ser utilizado na educação formal, como recurso didático-pedagógico para a condução do processo educativo. Tomando por base exclusivamente a obra de Patativa do Assaré, pode-se inferir que há muito o que nela explorar para o trabalho educativo, nos diversos segmentos educacionais e nas variadas disciplinas curriculares, conforme apontamos anteriormente. O teor de seus cordéis possibilita a adoção de ações educativas que vão desde a instrumentalização para a alfabetização de uma criança até a análise da conjuntura sociopolítica do Sertão do Nordeste, por exemplo.

A obra de Patativa do Assaré pode fornecer bastantes elementos para o trabalho com as disciplinas curriculares. Seus cordéis podem apresentar o estudante a uma enorme variedade linguística, além de que “[...] a leitura com textos dessa natureza literária proporciona observações e discussões com relação à exterioridade da língua(gem) e seus contextos de produção, bem como despertará o senso crítico do aluno e sua sensibilidade de ‘ler pelo prazer de ler’” (SOUSA, 2014, p. 20). Neste sentido, o trabalho pedagógico a partir da literatura de cordel “[...] tem o intuito de valorizar a cultura brasileira nordestina [...], dando destaque ao incentivo à leitura, por ser atrativo para o aluno, visto que aparece como possibilidade de um maior incremento aos usos que são feitos das variedades linguísticas” (SOUSA, 2014, p. 20).

O trabalho com a literatura de cordel de Patativa do Assaré pode possibilitar o encontro do estudante com a variedade linguística que habita a nossa língua, proporcionar a aquisição de uma visão mais democrática face aos diversos falares e à utilização de linguagem popular tão precisa e preciosamente empregada pelo poeta, além de possibilitar o despertar de uma consciência crítica frente aos problemas sociais enfrentados pelo povo pobre e sertanejo, uma vez que “[...] se trata de um elemento discursivo fundador de sentidos, de dizeres, de memórias capaz de propor aos leitores os diferentes olhares em relação às formas de construção, sentido e historicidade” (SOUSA, 2014, p. 21).

Segundo Medeiros, Silva e Lemos (2016, p. 46):

O trabalho educativo com o uso da literatura de cordel possibilita a realização de muitas atividades educacionais, além disso, permite a promoção de comunicação por meio da originalidade de seus versos, que por vezes, abrangem imensa riqueza histórica, cultural e social sobre várias realidades. Nela se retratam assuntos diversos que são importantes para nossa formação humana, principalmente por abordar questões polêmicas e

políticas que subsidiam a reflexão consciente do cidadão. Nessa perspectiva, podemos perceber que a literatura de cordel se expõe como ferramenta de comunicação.

Tal como era para Patativa, os cordéis são ferramentas importantes de comunicação e têm um grande potencial educativo (SOUZA; LIMA; PENHA, 2017). Nos cordéis desse poeta são apresentadas variações de linguagem capazes de demonstrar a vastidão de nossa língua, bem como a saga do sertanejo, povo sofrido e lutador, instrumentalização capaz de produzir a consciência crítica do estudante. Sendo assim:

[...] levar a Literatura de Cordel até a escola significa motivar o aluno a conhecer mais da formação cultural de nosso povo, pois o Cordel faz uma representação do real por meio da linguagem, explorando a plurissignificação do vocabulário, instigando o leitor a participar do texto com seu conhecimento enciclopédico, fazendo uma leitura singular, identificando os diferentes saberes que o texto literário suscita. Ademais, este gênero, pode ser utilizado como um importante instrumento no processo de incentivo à leitura com foco na oralidade, já que são fáceis de memorizar. Sendo o Cordel uma das mais expressivas formas da cultura nordestina, e nós, como descendentes dessa cultura, não devemos deixar essa tradição desaparecer (SOUZA; LIMA; PENHA, 2017, p. 2).

Nesta perspectiva, admitimos a importância simbólica da literatura de cordel para a ação educativa e para a preservação da cultura nordestina. Desse modo, entendemos que o trabalho educativo, tomando por base os cordéis de Patativa do Assaré, pode oferecer aprendizagens múltiplas para o estudante, além de aprendizagens significativas capazes de lhes mostrar tanto a cultura de um povo historicamente sofrido quanto a riqueza das variações linguísticas, das questões sociais que envolvem o povo sertanejo e que historicamente o envolve. Sendo assim, diversas são as possibilidades educativas, do ponto de vista didático-pedagógico, que podem servir às mais diversas disciplinas curriculares e promover aprendizagens significativas aos estudantes.

2.2 Patativa do Assaré: o poeta do sertão

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido popularmente como Patativa do Assaré, foi um dos principais representantes da arte e da cultura popular nordestina do século XX. Foi cantor, compositor, repentista e poeta e com sua arte representou

a cultura marginalizada do Nordeste elevando-a a um patamar de destaque no cenário literário e cultural brasileiro. Silva (2018, p. 29) destaca:

Patativa do Assaré é considerado um dos representantes do sertão por realmente fazer parte desse local. O poeta como um grande contador de histórias sofridas que ele viu de perto e também viveu, escreve versos que são agraciados por muitos brasileiros, que o elegeram como símbolo, como porta voz do povo nordestino. Emblemático devido à poesia oral, tradicional e popular, recitou poesias com sua memória inigualável ao decorrer versos extensos que cantavam as belezas e tristezas do sertão. Muitos de seus poemas foram musicalizados por cantores brasileiros como Fagner e Luiz Gonzaga.

Patativa do Assaré foi um homem simples, advindo de uma região historicamente marginalizada, cuja cultura não era valorizada por, dentre outros motivos, não apresentar os aspectos da erudição amplamente apreciados e reconhecidos. Ele deu voz à cultura nordestina, demonstrando que a região Nordeste, mesmo sendo pobre e desfavorecida em relação às demais regiões do país, muito tem a apresentar, representar e contribuir para a cultura nacional. Era:

[...] filho de pais agricultores. Nasceu na Serra de Santana, comunidade rural no município da pequena Assaré (cidade a 623 km de Fortaleza), ao Sul do Ceará. [...] Aos quatro anos de idade [...] ficou cego do olho direito, em consequência de sarampo e da falta de atendimento médico na longínqua Assaré. Com o passar dos anos, o olho esquerdo vê apenas vultos. Na velhice cega totalmente (BRITO, 2009, p. 180).

A cegueira não se constituiu empecilho para que ele desenvolvesse sua arte e contasse, em verso, prosa e canção, a realidade marginal do Nordeste brasileiro. Além do infortúnio de perder a visão gradativamente durante a vida, Patativa ainda enfrentou outro grande e triste problema enquanto ainda era apenas uma criança: a morte precoce do pai. Esse acontecimento fatídico mudou o curso de sua história, pois, a partir daí, ele, juntamente com seu irmão mais velho, teve que trabalhar muito para sustentar os irmãos mais novos, haja vista que, com a morte do pai, a família ficou em completa pobreza (ZUMTHOR, 1993 apud BRITO, 2009).

A luta pelo sustento próprio e de sua família e a cegueira não fizeram com que Patativa encarasse as dificuldades como empecilhos para desenvolver sua vida, mas, ao contrário, o impulsionaram a demonstrar, por meio da arte, as agruras a que está exposto o povo nordestino. De acordo com Brito (2009, p. 180-181):

[...] imagina-se que essas perdas já na primeira infância tenham sido parte determinante para a formação de um “coração compassivo”, como se, desde menino, sentisse em si a “dor do mundo” e, depois, tivesse que expressar em versos, fazendo seu também o padecer do outro. Não demoraria a emprestar sua voz e a força dos seus versos aos sem-terra, sem-teto, retirantes, menores abandonados, na defesa da ecologia e de todos os sertanejos e sertanejas injustiçados e excluídos pelas classes dominantes.

Patativa transformou a dor e a luta dos nordestinos em arte, denunciando as dores e os dissabores dos sertanejos, e apresentou o desejo de mudança da realidade triste do povo sofrido do Nordeste brasileiro, pois entendia que todas as pessoas mereciam dignidade de vida, o que, muitas vezes, consistia tão somente na posse de um pedaço de terra a fim de plantar e colher para a provisão do sustento. Para além disso, Patativa desconstruiu estigmas acerca do povo nordestino através de sua arte. Dessa forma, pode-se afirmar:

[...] Assaré construiu a partir de sua experiência com o seu meio [...] uma imagem de Nordeste que correspondeu, por vezes, aos estigmatizados escritos acerca do sertanejo e de seu local de origem dentro da ótica centrada, bem como uma imagem contrária a essa estereotípica. Ainda que Assaré tenha descrito um sertão sofrível e um sertanejo marginalizado, ele traz em sua poesia uma configuração na qual fica claro que essa imagem é, por deveras estereotipada (SOUZA, 2014, p. 29).

A infância foi uma fase praticamente relegada a Patativa, uma vez que foi obrigado a trabalhar bastante, desde muito jovem, para sustentar sua família após a morte precoce de seu pai. E foi na infância que a influência do mundo adulto – haja vista que ele não teve uma infância de muitas brincadeiras, brinquedos e diversão – foi moldando os traços de sua personalidade artística, ao perceber a dor e a luta de seu povo sempre tão sofrido e esquecido historicamente. De acordo com Cobra (2006, p. 07):

[...] as análises constituídas sobre o poeta e sua obra revelam indícios da forte influência do mundo adulto na formação de sua personalidade, o trabalho precocemente presente e o pouco contato com crianças de sua idade corroboraram a construção dos sentidos e valores de sua vida e, conseqüentemente, de sua poética.

Patativa teve quase nenhum contato com a educação escolar, iniciando seus estudos formais aos doze anos de idade e permanecendo na escola por apenas seis meses (SILVA, 2018; BRITO, 2009; COBRA, 2006). E o que aparentemente poderia

se constituir como um futuro de ignorância, de não conhecimento dos saberes produzidos na escola, tornou-se uma motivação para Patativa transcender e aprender, a partir da vivência da realidade sertaneja, a fazer arte e a utilizar-se dela para explicar o mundo e a vida do povo nordestino e seu desejo de mudança do triste contexto dessa gente sofrida do sertão brasileiro.

Ainda criança, Patativa teve contato com a literatura de cordel, que, na região onde ele vivia, “[...] era peça obrigatória em todas as casas. Em quase todos os terreiros, se liam em voz alta as histórias fantásticas deitadas na escrita dos folhetos” (FEITOSA, 2006 apud BRITO, 2009, p. 181). Assim:

Ao entrar em contato com a poesia de cordel, ele percebe que pode explicar o mundo por meio dela [...]. A partir desse momento de *epifania*, a arte se torna para ele o espaço da liberdade. Ela será seu “brinquedo” até mesmo nas horas de trabalho, na roça. Será distração, mas também peleja, briga com as palavras, tal a luta na batalha pela vida (BRITO, 2009, p. 181, grifos do autor).

Como permaneceu por pouquíssimo tempo na escola, Patativa não aprendeu a utilizar os sinais de pontuação e acabou aprendendo a ler sem fazer uso de pontos ou vírgulas (SILVA, 2018). Sua escrita, segundo Moura (2015, p. 244), “[...] é marcada pela oralidade, não porque Patativa não soubesse o que é a escrita “da escola”, mas porque quer evidenciar os traços de rusticidade da oralidade, onde a escrita se aproxima, ao máximo, ao modo de se falar de quem lida com a roça de sol a sol”.

Patativa valorizou as vivências dos nordestinos na oralidade de sua obra e, assim, “se deixando passar como um suposto modo inferior de fazer poesia, chega ao âmago da estética de expressar a realidade do sertão” (MOURA, 2015, p. 244). O caráter oral da obra de Patativa do Assaré expressa uma transcendentalidade em relação à Gramática, que prima pela norma e não consegue captar a subjetividade da língua falada.

Desse modo, “no que tange ao contexto geral da poesia patativana, percebe-se que sua prioridade é para a variedade linguística de sua região e o jeito peculiar do falar de sua gente. É como se dissesse: a vida, as artes estão acima da gramática” (BRITO, 2009, p. 189). Assim:

[...] o fato de Patativa do Assaré valorizar e não abandonar a variedade linguística de origem, além de ser uma opção, é também uma forma de ficar

sempre próximo de seus pares, do sertão e, por meio de seus versos, poder expressar o sentimento de pertença ao mundo e de inclusão nele. Poetizando sua aldeia, ele fala de todos os deserdados do mundo, certo de que sua palavra é capaz também de explicá-lo (BRITO, 2009, p. 190).

Essa liberdade de escrita expressa por Patativa demonstra que:

[...] o poeta tinha plena consciência de seu papel como escritor e encontrou um local de enunciação para um tipo de literatura marginalizada por ser Nordestina e produzida pela camada periférica dessa região, e feita por uma pessoa que não tinha formação acadêmica, subalterna por pertencer a um grupo “inferior” perante aos outros estratos sociais (SOUZA, 2014, p. 24).

Nesta perspectiva, a arte de Patativa do Assaré representa a figura do nordestino, do povo sertanejo sofrido, a triste realidade dessa gente marginalizada e esquecida. E não somente isso, mas o desejo de ver um outro contexto se delinear para o seu povo. Nessa perspectiva:

[...] o seu maior interesse estava em (des)construir, em encontrar um modo de anunciar o sertanejo sem precisar se entregar à estereotipia que fora tão disseminada acerca dos nordestinos pela maioria dos escritores que utilizaram da imagem do sertão e do sertanejo para compor suas obras. Assaré vai de encontro à imagem que o homem branco, colono, rico, letrado e moderno tinha acerca do Nordeste e parte dessa linha de oposição. O poeta nos revela um sertão e um sertanejo bem diferente dos que encontramos em outras literaturas (SOUZA, 2014, p. 24).

Patativa deu vida e voz ao nordestino para além daquilo que já havia sido escrito e falado; trouxe à tona uma ideia de que o nordestino, apesar de sofrido, é um povo resistente, que produz cultura em meio aos dissabores da vida, lutando para sobreviver e fazer dessa luta uma arte e que não se constitui um indivíduo pormenorizado em relação às demais pessoas advindas de outras regiões do país. Patativa desconstruiu a ideia de que o sertanejo é apenas um povo pobre e sofrido, imortalizando a vida de uma gente que luta bravamente para existir em meio às intempéries do sertão brasileiro.

2.3 Da literatura marginal à erudição: aspectos da obra de Patativa do Assaré

A obra de Patativa do Assaré pertence ao que se pode chamar de literatura marginal, o que não significa dizer que não tenha valor literário e social, mas que foi produzida para além dos limites da erudição sem, no entanto, deixar de apresentar

aspectos eruditos em sua composição. Com pouco, ou quase nenhum, estudo formal, Patativa do Assaré muito criativamente denunciava o sofrimento do povo nordestino, com suas palavras simples, porém cheias de significado. E foi nessa simplicidade que alcançou os mais diversos espaços, em âmbito nacional e internacional, levando a saga do povo sertanejo ao conhecimento de muitos e demonstrando que a arte também resulta de uma linguagem simples, considerada marginal, pautada na e para vida de um povo historicamente sofrido.

Rebouças (2017, p. 13) afirma:

A trajetória de Patativa do Assaré mostra que ele superou o analfabetismo e a consciência mais conservadora e passiva do seu meio, transformando a rica herança cultural e artística em uma voz ao mesmo tempo pessoal e social, de qualidade extraordinária. Destacou-se no corpus da literatura popular, oral e escrita, como um dos nomes importantes da poesia nordestina do século XX, com reconhecimento no Brasil e no exterior. [...] O poeta distinguiu-se por sua forte tradição oral, embora tenha, como autodidata, estudado os clássicos da literatura brasileira e portuguesa e tenha dominado o complexo tratado de versificação de Olavo Bilac e Guimarães Passos.

Por meio de sua obra, o poeta levou a condição em que vive o povo nordestino ao conhecimento de todo o mundo e imprimiu sua marca na literatura nacional, mesmo sendo representante de uma literatura marginal, porém jamais isenta de profundo conhecimento da realidade que expunha e de imprescindível valor literário. Desse modo:

Constata-se, em Patativa do Assaré, uma poética como campo de acumulação dos problemas nacionais, ou seja, como objeto de reflexão e também de conhecimento de seu país, pois, ao apontar para as contradições sociais, estabelece-se uma crítica vinculada à realidade. O poeta é um claro exemplo de literatura empenhada em favor dos direitos humanos, por trazer, para o primeiro plano, o homem do povo com sua penúria. [...] A obra patativana passa pela estética e pelo engajamento e para tanto apresenta um viés histórico-social. A sua poesia é de interferência social ao apresentar uma série de versos marcados por elementos de denúncia e de contestação, que estampam suas reflexões políticas e sua visão de um mundo solidário e justo. Seus versos passam pela ideia da cidadania como consciência de ser sujeito de ações, isto é, atores sociais e não meros figurantes (NOGUEIRA, 2017a, p. 32-33).

Sendo considerada uma literatura marginal, a obra de Patativa do Assaré foi, por muito tempo, pormenorizada, por aparentemente não apresentar aspectos de

erudição e, conseqüentemente, não merecer destaque e prestígio, sobretudo no meio acadêmico, no cenário literário nacional.

Durante muito tempo não se prestou muita atenção à obra poética de Patativa do Assaré, tido como poeta “matuto,” que escrevia de forma errada em um quase dialeto sertanejo. Tardiamente, os acadêmicos perceberam que o seu linguajar matuto preservava as construções mais eruditas de métrica, prosódia e beleza estética, como qualquer outro poeta catedrático, e que ele também elaborava poemas em português erudito (REBOUÇAS, 2017, p. 14).

Daí sua obra passou a merecer atenção no cenário literário tanto nacional quanto internacional e sua mensagem alcançou o mundo, apresentando o povo nordestino sob outra perspectiva que não somente a de povo sofredor, mas de insistente na luta pela sobrevivência e por alcançar visibilidade governamental.

Apesar do pouco estudo formal, há evidências de que ele soubesse lidar muito bem com a norma culta da Língua Portuguesa, contudo, recorria a uma linguagem mais simples e popular para ser entendido pelas pessoas mais humildes, as quais eram retratadas em sua obra.

De acordo com Rebouças (2017, p. 40), Patativa do Assaré:

[...] junta a essa herança secular ibérica, acrescida das influências afro-brasileiras e dos povos originários, a influência da literatura erudita, os ritmos e formas de metrificção advindas do Romantismo e do Parnasianismo, sem falar em modalidades mais antigas como a oitava camoniana e o martelo poético medieval. [...] Patativa traz viva na sua literatura a herança da oralidade, da gramática e do linguajar popular. [...] construiu uma poesia de cunho próprio, original, mas ao mesmo tempo de grande repercussão social, porque entranhada na realidade, no imaginário da comunidade.

Assim, apesar da linguagem popular e informal, a obra de Patativa apresenta aspectos de erudição, demonstrando seu profundo conhecimento, tanto da forma de se fazer uma boa literatura quanto, também, do modo como fazer uma literatura original, marcadamente social e que possa ser amplamente entendida e reveladora da realidade nua e crua do sertanejo.

Silva (2019, p. 36) destaca:

As fronteiras entre o popular e o erudito na literatura popular são questionáveis, uma vez que ambos se entrelaçam, num diálogo que se formula através empréstimos, adaptações, re-acomodações, jogos paródicos, etc. Numa rota de mão dupla, tanto autores populares recolhem

elementos presentes em obras eruditas, como ocorre inverso. [...] Um olhar mais atento direcionado à obra de Patativa do Assaré nos faz perceber que ele soube muito bem conciliar essas duas facetas, a popular e a erudita. Pois, para além de seus cordéis e de seus versos matutos, desenvolveu uma lira também considerada erudita.

Sousa e Murakawa (2019) analisaram as variedades linguísticas da obra de Patativa do Assaré e concluíram que a linguagem utilizada pelo poeta “[...] cria elos com o ambiente em que vivia, fazendo com que os leitores/ouvintes experimentem o sabor da vida cabocla, com as alegrias e dificuldades típicas dela” (SOUSA; MURAKAWA, 2019, p. 144), além disso, “os níveis de variedades linguísticas constatadas nos textos de Patativa do Assaré colaboraram para exemplificar o modo diverso do falar do povo brasileiro nas diferentes regiões do país” (SOUSA; MURAKAWA, 2019, p. 145).

Assim, pode-se inferir que o poeta conhecia as variações da língua padrão e se utilizava de uma linguagem inculta e popular para ter maior alcance de sua obra, além de prestigiar as variedades linguísticas que existem em nossa língua, comumente vistas com preconceito por pessoas escolarizadas. Bagno (1999 apud SOUSA; MURAKAWA, 2019, p. 145) acredita que:

[...] um dos mitos existentes na Língua Portuguesa refere-se à relação entre fala e escrita, segundo ele grande parte da população acredita que se deve, obrigatoriamente, pronunciar as palavras da mesma forma que elas são escritas. Ao assumir essa postura, os falantes descartam o fato de que em toda língua há variação, e que existem diversas maneiras “corretas” de falar português. Essa relação entre o falar e o escrever é evidenciada nos textos de Patativa do Assaré que por vezes utiliza-se de termos considerados desprestigiados pela norma padrão para mostrar o modo de falar da comunidade em que vivia, do povo sertanejo. As palavras e expressões utilizadas pelo autor são vistas com desprezo por grande parte dos falantes escolarizados, já que a supervalorização da escrita em detrimento da fala está incutida na sociedade há muito tempo. Isso talvez tenha motivado o poeta a utilizar essa linguagem em algumas de suas obras, demonstrando as características e a beleza de versos escritos nessa variedade da língua.

Dessa forma, ao analisar a obra de Patativa do Assaré fica evidente que o uso de variações linguísticas não denota pobreza vocabular ou desconhecimento da norma padrão da Língua Portuguesa, mas uma tentativa de ser mais bem compreendido pela população menos letrada, bem como uma forma de oferecer prestígio aos diversos falares que compõem a nossa língua e que, por conta da

primazia pela erudição e forma culta, acabam sendo pormenorizados por indivíduos mais escolarizados.

Desse modo, conforme aponta Nogueira (2017b, p. 180), “a poesia popular de Patativa do Assaré nega a pretensa universalidade da poesia erudita ao afirmar valores e interesses opostos aos vigentes na cultura hegemônica. Seus versos apontam para a existência de diferenças e de desigualdades no interior da sociedade”. Não se trata, pois, de uma poesia neutra, sem pretensão de ordem política frente ao social que nela é exposto, mas de uma obra contundente, política, de denúncia da situação historicamente vivida pelo povo sertanejo; tais características não perpassam pelo crivo da erudição, que prima pela hegemonia cultural na qual é desenvolvida, como se a cultura fosse desenvolvida dentro de uma espécie de bolha alheia a toda uma realidade social esquecida pelos poderes governamentais, mas bastante latente na vida daqueles que são esquecidos e marginalizados pela sociedade.

Nessa perspectiva, Pinheiro (2006, p. 143) ressalta:

Patativa expressa poeticamente seu sentimento de mundo e fala das coisas do sertão, de seu mundo e do ideal de vida de seu povo, apresentando uma temática bastante diversificada. [...] Ele sabe para quem escreve, o que o povo quer ouvir e qual a reação que seus versos vão provocar no leitor. Joga com as palavras, pois conhece o poder que elas têm e o efeito que produzem.

Uma das principais marcas da obra de Patativa do Assaré é a oralidade; ele próprio foi criado dentro dessa perspectiva, ouvindo histórias contadas por membros de sua família, pelas pessoas com as quais convivia, enfim, no universo nordestino do povo sertanejo; a oralidade sempre foi a principal forma de transmissão de cultura. Pinheiro (2006, p. 138) observa:

Vamos encontrar na obra impressa de Patativa as marcas da oralidade que permanecem ainda na linguagem e que se reforçam quando o poeta responde em versos, quase que naturalmente, no lugar da prosa. A poesia tem a função da prosa e é construída com os elementos da sua realidade [...]. Sua poesia é resultante de uma tradição oral mesmo quando transformada em escrita, pois sua obra se inscreve numa temática e numa forma de existência tipicamente orais. [...] Tudo está ligado à oralidade, desde o campo lexical, o enredo, a metrificacão até a cumplicidade que o poeta tem com o público. [...] Podemos encontrar ainda a harmonia e a coesão na obra de Patativa como herdeiras de uma tradição oral. Ele manifesta harmonia no pensamento e na expressão. Quando pensa a vida e as coisas do mundo, expressa suas reflexões como parte de um mesmo

processo, porque pensar e dizer são uma coisa só. Patativa se insere numa tradição em que o pensamento age e o dizer promove reflexão. Há uma coesão entre dizer e pensar, obra e público, renovação e tradição. Ao mesmo tempo que pensa, manifesta uma sintonia com o público – que passa pela oralidade –, pois o que pensa e o que diz é aquilo que o povo espera e sugere. Pensar, dizer e ouvir, três atos formados pelo mesmo sentimento de mundo.

A oralidade em Patativa não se extingue com a escrita de seus poemas, mas nela se manifesta pela transmissão de suas ideias ao povo e consequente retorno desse movimento, já que o que pensa, sente e transmite é aquilo esperado por seus interlocutores, personificados na obra do poeta. Conforme aponta Pinheiro (2006, p. 142):

A obra de Patativa foi escrita, mas continuou pertencendo à tradição oral. A autoridade da voz permaneceu na poesia impressa, onde se deu a coexistência dos dois universos: o oral e o escrito. [...] Sua obra se insere num contexto de oralidade mista, o escrito não a sufoca, pelo contrário, instaura-se uma certa harmonia, uma relação de convivência.

E é nessa relação, de certa forma simbiótica, entre a oralidade e escrita em Patativa que é definida a estética de sua obra, segundo aponta Pinheiro (2006, p. 144):

As marcas da oralidade, seja na transmissão, na memorização dos versos, seja na criação, definem uma estética. Como pensarmos na estética de Patativa, numa estética marcada pela oralidade e valorizada pela tradição? A oralidade é uma marca autoral que está no fôlego, na harmonia, na coesão, na generosidade, no vigor, na memória prodigiosa. Essa marca define seu estilo, um modo de criação que acontece sem se afastar do público de onde veio. A escrita não conseguiu apagar a oralidade.

A oralidade e a escrita se complementam na obra do poeta, não havendo, portanto, primazia de uma sobre a outra, mas uma relação harmônica na qual ambas se fundem e dão origem a um arcabouço literário que foi – e é – capaz de apresentar o povo sertanejo de uma forma como, muito provavelmente, jamais foi tão bem caracterizada por outro poeta e/ou contador de histórias. Patativa deu vida, em sua obra, a um povo que não passava de sofrido e esquecido no cenário nacional e sequer era reconhecido em âmbito internacional; com a obra do poeta, mais do que o sofrimento do povo nordestino, foi posto em evidência, antes, sua resignação, sua força, sua luta e esperança.

A poesia de Patativa faz parte desse universo oral como organismo vivo de uma poética construída com os elementos da natureza e expressando o sentimento de luta do povo. Uma poesia que vai sendo feita a cada movimento do olhar, porque está em toda parte, porque tudo é poesia [...]. É uma poesia que caminha ao encontro do outro, que se estende em várias direções, sem limites, sem códigos, sem letras, sem mistérios. Uma poesia que é voz e memória. Sua poesia vive no mundo não-escrito, mundo incontrolável, cheio de surpresas, no qual o poeta se sente à vontade porque as coisas parecem estar em sua forma primeira (PINHEIRO, 2006, p. 147).

Nesse sentido, a obra de Patativa do Assaré transcende a mera designação de literatura marginal, pois sua mensagem não ficou à margem, mas se disseminou pelo Brasil e pelo mundo, apresentando a vida sofrida do povo sertanejo e seu histórico de luta pela sobrevivência. Foi e é original, justamente porque decorre da experiência do poeta e de seu povo. E é complexa de se analisar por que, ao contrário do que pensam aqueles que esperam uma acintosa erudição da literatura, a obra de Patativa se apresenta num linguajar popular, arraigada de variações linguísticas, porém profundamente permeada de aspectos eruditos, o que possibilita ser tão diversa, diversificada e, ao mesmo tempo, singular, acessível e significativa.

3 METODOLOGIA E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

3.1 Percurso metodológico da pesquisa

A presente pesquisa teve por objetivo verificar de que modo a obra de Patativa do Assaré pode ser utilizada em sala de aula, numa turma do 7º ano de Ensino Fundamental, a fim de promover a valorização das variações linguísticas da Língua Portuguesa e combater o preconceito linguístico. Optamos por desenvolver a presente pesquisa numa escola pública do município de Itororó, na Bahia, pois intentamos investigar a realidade que já faz parte de nosso universo profissional.

Pensando em contribuir cientificamente com o contexto educacional da cidade na qual exercemos nossa atividade profissional docente, optamos por desenvolver, como produto final de nosso curso de Mestrado Profissional em Letras, um Guia Didático, que versará sobre oficinas de cordéis para utilização de professores de Língua Portuguesa no trabalho com a literatura. O intuito de criar o Guia Didático é fornecer subsídios para que os professores valorizem a literatura popular no trabalho com a Língua Portuguesa, de modo a possibilitar que os estudantes compreendam a dinamicidade da língua e as variações linguísticas como manifestações da cultura e da história dos indivíduos.

Desse modo, tendo em vista que optamos por trabalhar o gênero cordel da obra do autor Patativa do Assaré, elaboramos oficinas que abordam as variações linguísticas como importantes manifestações da dinamicidade da língua e cordéis do referido autor, possibilitando aos estudantes o contato com a literatura popular a fim de que a respeitem e superem o preconceito linguístico.

3.2 Proposta de intervenção didático-pedagógica: oficinas de cordéis

Entendemos a educação como um processo dinâmico que deve dar-se a partir de realidades concretas, vividas e experienciadas pelos estudantes, para que seja possível gerar, possibilitar a ocorrência de aprendizagens significativas. Entendemos a educação como prática social, dialógica e vertical, cuja função principal é a formação humana dos estudantes para uma atuação consciente nos seus próprios contextos; uma educação que supere a visão bancária na qual o ato educativo consiste em “depositar” conhecimentos nos estudantes, numa perspectiva

em que o professor é entendido como único detentor do saber e o aluno um ser ignorante, desprovido de conhecimento (FREIRE, 1994).

Na “[...] visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão” (FREIRE, 1994, p. 33, grifos do autor). Nesta perspectiva:

Não é de se estranhar, pois, que nesta visão ‘bancária’ da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos do arquivamento dos depósitos que lhe são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos (FREIRE, 1994, p. 34, grifo do autor).

A postura que aqui assumimos entende a educação numa perspectiva crítica, que busca superar práticas e processos que visem à transferência/depósito de conhecimentos nos estudantes e que, ao invés disso, oportunizem o desenvolvimento da consciência crítica, de modo que o estudante se perceba um ser inserido no mundo, com responsabilidades para com a modificação de seu contexto e com possibilidades para isso. Acreditamos numa educação que vise à emancipação humana, de forma que os sujeitos se reconheçam como autores de sua própria história.

Do mesmo modo, entendemos o ensino da Língua Portuguesa como possibilidade de promover aprendizagens significativas e dinâmicas que sejam capazes de promover aos estudantes a apropriação da língua como forma de superação e transformação de suas realidades. Não entendemos o ensino da Língua Portuguesa como um processo civilizatório, como se o estudante nada soubesse de útil a respeito da própria língua materna e cuja função seja ensinar a língua padrão em detrimento do reconhecimento e valorização das variantes linguísticas que, além de serem provas da dinamicidade da língua, ainda representam traços importantes e contundentes da diversidade cultural.

O ensino de Língua Portuguesa não pode servir a um ideal de exclusão da parcela da população que não domina o seu uso padrão, mas deve subsidiar os estudantes de conhecimentos acerca da norma culta, sem deixar de reconhecer a importância das variantes linguísticas enquanto manifestações da dinamicidade da língua e dos aspectos culturais dos povos. Desse modo, como proposta de

intervenção, propomos um trabalho com as variantes linguísticas a partir dos cordéis de Patativa do Assaré, no intuito de promover e valorizar o estudo das variações linguísticas, como também a obra do referido autor, um dos principais representantes da cultura popular nordestina. Além disso, intentamos, com a proposta de intervenção, possibilitar a promoção do ensino da Língua Portuguesa como um processo humanizador de construção de conhecimentos significativos que levem o estudante a aprender a norma culta e respeitar e reconhecer a importância das variantes da língua como manifestações culturais populares e saber que tipo de linguagem – formal ou informal – deve utilizar a partir das situações que vivencia e/ou pode vivenciar.

A proposta de intervenção constitui-se, portanto, de uma sugestão que pode ser desenvolvida por professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, mais especificamente do 7º ano, mas pode ser adaptada para outros anos/níveis escolares, pois trata-se de uma proposta que versa sobre um objeto de aprendizagem que perpassa todo o ensino escolar da Língua Portuguesa, qual seja o estudo das variantes linguísticas a partir dos cordéis patativanos. A sugestão é que se utilize a literatura de cordel de Patativa do Assaré como recurso pedagógico para o ensino e a aprendizagem das variantes linguísticas, numa perspectiva de respeito à diversidade linguística e, portanto, cultural e de reconhecimento da necessidade de aprender a norma culta para utilização em situações e espaços adequados e superar o preconceito linguístico.

Nossa proposta constitui-se de sete etapas, nas quais serão desenvolvidas três oficinas, culminando numa Mostra de Literatura Popular. A primeira etapa consiste na sensibilização, na qual o/a docente fará as abordagens iniciais acerca da literatura de cordel, sua história e principais autores, bem como exemplos de cordéis. A segunda etapa consiste no estudo de cordéis de Patativa do Assaré, na qual o/a professor/a apresentará esse autor para os estudantes falando de sua vida e obra e levando os estudantes a lerem cordéis patativanos. Na terceira etapa, propomos o estudo das variações linguísticas e a abordagem sobre preconceito linguístico.

As etapas 4, 5 e 6 são as oficinas de cordéis. Sugerimos que o/a docente incentive os estudantes, divididos em grupos, a produzirem seus próprios cordéis, desde o texto até o panfleto caracterizado, além da arrumação da sala para a Mostra de Literatura Popular onde farão a exposição de suas produções para a

comunidade escolar. A sétima etapa, na verdade, não se constitui a última, pois a proposta é que ela se ocorra no decorrer do desenvolvimento das oficinas, a fim de registrar todo o processo de composição dos cordéis até a sua exposição na culminância da proposta de intervenção, que é a Mostra de Literatura popular dos estudantes do 7º ano, e expor em uma mídia digital a ser criada e alimentada pelos estudantes.

A proposta de intervenção que aqui sugerimos é composta, em suas etapas, de textos e atividades adaptados da *internet*, no intuito de possibilitar ao/à docente subsídios de fácil tratamento para o desenvolvimento do trabalho com as variantes linguísticas a partir dos cordéis de Patativa do Assaré.

É importante salientar que a proposta aqui apresentada foi pensada num período anterior à pandemia, no qual os encontros presenciais não representavam risco de adoecimento e de morte por conta do novo coronavírus. Optamos por não a modificar por conta da pandemia da Covid-19, porque pensamos que ela pode ser adaptada ao “novo normal” que começa a se delinear para a educação escolar a partir das aulas semipresenciais que têm começado a acontecer. A presente proposta pode ser adaptada para a atual conjuntura, de modo a substituir os encontros presenciais em grupo por encontros virtuais e a culminância ocorrendo com apenas parte dos estudantes apresentando as produções de seus grupos, podendo ser transmitida por videoconferência para os demais estudantes que não estarão presentes e demais membros da comunidade escolar.

Esperamos que a proposta de intervenção que aqui apresentamos possa auxiliar os/as professores/as de Língua Portuguesa no ensino das variações linguísticas e no reconhecimento da literatura popular nordestina, a exemplo da obra de Patativa do Assaré, como manifestações culturais populares que enriquecem o nosso idioma e denotam a dinamicidade e a autonomia da língua.

4 CORDELIZANDO COM PATATIVA DO ASSARÉ: Conhecendo as variações da língua para combater o preconceito linguístico

Como produto final de nosso curso de Mestrado Profissional em Letras, optamos por desenvolver um Guia Didático para subsidiar o trabalho de professores de Língua Portuguesa na abordagem das variações linguísticas, de modo a valorizar as variantes de nossa língua reconhecendo-as como resultantes da dinamicidade da língua e das interações sociais dos indivíduos e combater o preconceito linguístico.

Desse modo, elaboramos o Guia Didático, constituído de sete etapas, nas quais os estudantes serão levados a conhecer aspectos da literatura popular e dos cordéis de Patativa do Assaré, além de serem incentivados a produzir seus próprios cordéis como forma socializar o conhecimento construído a partir do trabalho proposto pelo guia.

Primeiramente, os estudantes serão sensibilizados em relação à temática proposta, de modo a compreender a importância de se estudar e respeitar as variações linguísticas. Em seguida, serão apresentados cordéis de autoria de Patativa do Assaré para que os estudantes entrem em contato com a literatura patativana e possam reconhecer a grandeza de suas obras. Após esse processo, os estudantes estudarão as variações linguísticas enquanto manifestações da cultura popular. O próximo passo será a realização das oficinas de cordéis, nas quais os estudantes conhecerão alguns cordéis e sua estrutura e poderão elaborar os próprios cordéis que serão apresentados na culminância desse trabalho numa Mostra de Literatura Popular. Todo esse processo será registrado durante seu desenvolvimento, a fim de alimentar uma página em uma rede social para divulgação do estudo e produções dos estudantes

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Público-Alvo: Estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental (com possibilidade de adaptação para outros anos e níveis escolares)

Objetivos:

- Possibilitar o entendimento da importância da efetivação de propostas de intervenção realizadas na escola para minimizar problemas escolares na relação ensino-aprendizagem;
- Apresentar uma proposta que possibilite o trabalho com as variantes linguísticas e a norma culta da língua a partir da leitura e interpretação de cordéis do autor nordestino Patativa do Assaré;
- Realizar oficinas de cordéis tendo como referência a obra de Patativa do Assaré, a fim de demonstrar a riqueza da literatura popular, sua importância enquanto instrumento de conscientização e de estudo das variações linguísticas e do uso da norma culta da língua portuguesa;
- Produzir textos sob a forma de cordéis como forma de se apropriar das normas da língua e de conhecer as variadas formas a partir das quais ela se apresenta e representa o imaginário e as vivências dos indivíduos;
- Criar um *blog* da turma do 7º ano a fim de socializar digitalmente os cordéis produzidos pelos estudantes no desenvolvimento das oficinas.

1ª etapa – Sensibilização (3 h/a)

Inicialmente o/a professor/a de Língua Portuguesa buscará sensibilizar os estudantes acerca do trabalho a ser realizado. Para isso, o/a docente apresentará aos estudantes o texto do tipo cordel baseando-se na seguinte estrutura:

- ✓ História da literatura de cordel;
- ✓ Conceito de cordel;
- ✓ Principais autores;
- ✓ Exemplos de cordéis.

Para apresentar a história da literatura de cordel, seu conceito, principais autores e exemplos o/a professor poderá utilizar o texto a seguir, que é uma adaptação das informações encontradas nos seguintes *sites*: Mundo educação¹, Brasil Escola² e Português³.

¹ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm#:~:text=O%20cordel%20foi%20originado%20em,grande%20maioria%2C%20n%C3%A3o%20era%20letrada.>

² Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm>.

³ Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/literatura-de-cordel.html>.

Literatura de cordel: origem, características e exemplos

A literatura de cordel foi popularizada no Brasil por volta do século 18, ficando conhecida como poesia popular porque contava histórias com os folclores regionais de maneira simples, possibilitando que a população mais simples entendesse. Seus autores ficaram conhecidos como poetas de bancada ou de gabinete. Aqui no Brasil, a literatura de cordel popularizou-se por meio dos repentistas (ou violeiros), que se assemelham muito aos trovadores medievais por contarem uma história musicada e rimada nas ruas das cidades, popularizando os poemas que depois viriam a ser os cordéis.

A literatura de cordel veio junto com os portugueses, adentrando o Brasil pelo Nordeste e propagando essa cultura pela região nordestina do país, que, posteriormente, tornou-se referência em cordel. Tornou-se uma tradicional forma de narrativa no Nordeste brasileiro, sendo não apenas um elemento da cultura nordestina e nortista, mas um propagador das tradições dessas regiões.

O cordel teve origem em Portugal pelos trovadores medievais que, nos séculos XII e XIII, cantavam poemas, espalhando histórias para a população a qual, em sua grande maioria, não era letrada. Na Renascença, houve muitos avanços tecnológicos, como a prensa mecânica, que deu início à imprensa. A invenção dessa tecnologia permitiu a impressão de grande quantidade de palavras no papel e com maior rapidez. Com essa agilidade na produção, a distribuição da palavra, que até então era apenas cantada, passou a ganhar a casualidade das ruas. Assim começou a cultura do cordel, que era apresentado nas ruas pendurado em cordas – ou cordéis, como é chamado em Portugal –, popularizando histórias regionais. Quando os portugueses chegaram ao Nordeste brasileiro, trouxeram consigo esse costume, que aqui fica conhecido como a literatura de cordel.

Os cordéis apresentam as seguintes características:

- ✓ O texto é escrito com métrica fixa e rimas que fazem a musicalidade dos versos;
- ✓ É de grande importância para o folclore, já que os cordéis tratam dos costumes locais, fortalecendo as identidades regionais;
- ✓ A literatura de cordel é muito conhecida por suas xilogravuras (gravuras em madeira), que ilustram as páginas dos poemas.

Principais autores da literatura de cordel no Brasil

- ✓ Leandro Gomes de Barros: Foi o primeiro brasileiro a escrever cordéis. Produziu 240 obras que ficaram muito conhecidas pelo imaginário popular do Nordeste brasileiro e pelo Brasil todo. É o caso da peça “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, baseada nos cordéis de Barros.
- ✓ João Martins de Athayde: Ficou conhecido por utilizar imagens de artistas de Hollywood em seus cordéis. Após a morte de Leandro Gomes de Barros, Athayde adquiriu alguns dos direitos de publicação de seus cordéis, sendo descoberto, recentemente, que a verdadeira autoria deles, na verdade, é de Barros.
- ✓ Antônio Gonçalves da Silva: Popularmente conhecido como Patativa do Assaré. A poesia de Patativa inspirou não apenas escritores, mas também músicos, sobretudo os cantadores do Nordeste, contribuindo, assim, imensamente, para a música popular brasileira. A característica principal de seu trabalho é a oralidade: o poeta transferia a palavra para o papel tal qual ela era falada pelo homem simples. Por esse motivo, seus poemas, feitos para serem recitados, perdem em significação e expressividade quando expressos por meios não verbais.

Exemplos de cordel

Ai! Se sêsse!...

(Zé da Luz)

Se um dia nós se gostasse;
 Se um dia nós se queresse;
 Se nós dois se impariásse,
 Se juntinho nós dois vivesse!
 Se juntinho nós dois morasse
 Se juntinho nós dois drumisse;
 Se juntinho nós dois morresse!
 Se pro céu nós assubisse?
 Mas porém, se acontecesse

qui São Pêdo não abrisse
as portas do céu e fosse,
te dizê quarqué toulíce?
E se eu me arriminasse
e tu cum insistisse,
prá qui eu me arrezorvesse
e a minha faca puxasse,
e o buxo do céu furasse?...
Tarvez qui nós dois ficasse
tarvez qui nós dois caísse
e o céu furado arriasse
e as virge tôdas fugisse!!!

Figura 1: Foto do Cordel “Patativa do Assaré – Um poeta do Sertão”, escrito por Rivani Nasario. Facetas Culturais.



Fonte: <https://facetasculturais.com.br/2018/09/22/patativa-do-assare-sua-inspiracao-e-sua-vida/>.

O testamento do cachorro

(Leandro Gomes de Barros)

Eu vi narrar um fato
Que fiquei admirado
Um sertanejo me disse
Que nesse século passado
Viu enterrar um cachorro
Com honras de um potentado.

Um inglês tinha um cachorro
De uma grande estimação.
Morreu o dito cachorro
E o inglês disse então:
Mim enterra esse cachorro
Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigário e lhe disse:
Morreu cachorra de mim
E urubu no Brasil
Não poderá dar-lhe fim...
- Cachorro deixou dinheiro?
Perguntou o vigário assim.

- Mim quer enterrar cachorro!
Disse o vigário: Oh! Inglês!
Você pensa que isto aqui
É o país de vocês?
Disse o inglês: Oh! Cachorro!
Gasta tudo esta vez.

Ele antes de morrer
Um testamento aprontou
Só quatro contos de réis

Para o vigário deixou.
Antes do inglês findar
O vigário suspirou.

- Coitado! Disse o vigário,
De que morreu esse pobre?
Que animal inteligente!
Que sentimento tão nobre!
Antes de partir do mundo
Fez-me presente do cobre.

Leve-o para o cemitério,
Que vou o encomendar
Isto é, traga o dinheiro
Antes dele se enterrar,
Estes sufrágios fiados
É factível não salvar.

E lá chegou o cachorro
O dinheiro foi na frente,
Teve momento o enterro,
Missa de corpo presente,
Ladainha e seu rancho
Melhor do que certa gente.

Mandaram dar parte ao bispo
Que o vigário tinha feito
O enterro do cachorro,
Que não era de direito
O bispo aí falou muito
Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o vigário
Pronto o vigário chegou

As ordens sua excelência...
 O bispo lhe perguntou:
 Então que cachorro foi,
 Que seu vigário enterrou?

Foi um cachorro importante
 Animal de inteligência
 Ele antes de morrer
 Deixou à vossa excelência
 Dois contos de réis em ouro...
 Se errei, tenha paciência.

Não foi erro, sr. Vigário,
 Você é um bom pastor
 Desculpe eu incomodá-lo
 A culpa é do portador,
 Um cachorro como este
 Já vê que é merecedor.

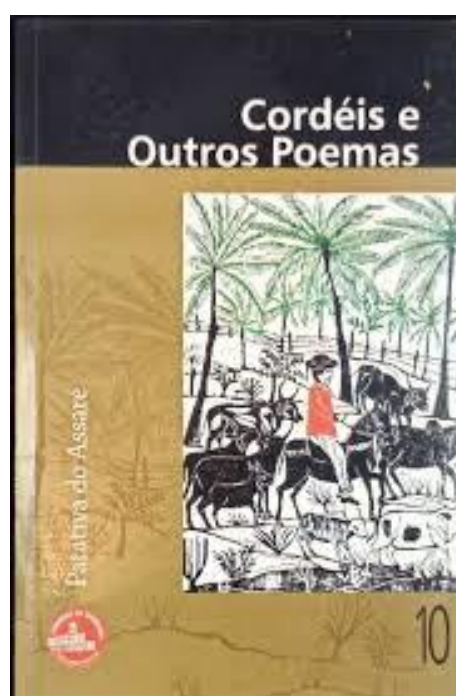
O meu informante disse-me
 Que o caso tinha se dado
 E eu julguei que isso fosse
 Um cachorro desgraçado.
 Ele lembrou-se de mim
 Não o faço desprezado.

O vigário aí abriu
 Os dois contúculos de réis.
 O bispo disse: é melhor
 Do que diversos fiéis.
 E disse: Provera Deus
 Que assim lá morresse uns dez.

E se não fosse o dinheiro

A questão ficava feia,
 Desenterrava o cachorro
 O vigário ia a cadeia.
 Mas como gimbre correu
 Ficou qual letras na areia.

Figura 2: Imagem de *internet*. Livraria Simples.



Fonte:
<https://www.livrariasimples.com.br/produtos/cordéis-e-outras-poemas-patativa-do-assaré-edicoes-ufc-livro-seminovo/>.

Saudação ao Juazeiro do Norte

(Patativa do Assaré)

Mesmo sem eu ter estudo
sem ter do colégio o bafejo,
Juazeiro, eu te saúdo
com o meu verso sertanejo
Cidade de grande sorte,
de Juazeiro do Norte
tens a denominação,
mas teu nome verdadeiro
será sempre Juazeiro
do Padre Cícero Romão.

O Padre Cícero Romão
que, vocação celeste
foi, com direito e razão
o Apóstolo do Nordeste.
Foi ele o teu protetor
trabalhou com grande amor,
lutando sempre de pé
quando vigário daqui,
ele semeou em ti
a sementeira da fé.

E com milagre estupendo
a sementeira nasceu,
foi crescendo, foi crescendo
Muito ao longe se estendeu
com a virtude regada
foi mais tarde transformada
em árvore frondosa e rica.
E com luz medianeira
inda hoje a sementeira

cresce, flora e frutifica.

Juazeiro, Juazeiro
jamais a adversidade
extinguirá o luzeiro
da tua comunidade.
morreu o teu protetor,
porém a crença e o amor
vive em cada coração
e é com razão que me expresso
tu deves o teu progresso
ao Padre Cícero Romão

Aquele ministro amado
que tanto favor nos fez,
conselheiro consagrado
e o doutor do camponês.
contradizer não podemos
E jamais descobriremos
O prodígio que ele tinha:
Segundo a popular crença,
curava qualquer doença,
com malva branca e jarrinha.

Juazeiro, Juazeiro
tua vida e tua história
para o teu povo romeiro
merece um padrão de glória.
De alegria tu palpitas,
ao receber as visitas
de longe, de muito além,
Grande glória tu viveste!
Do nosso caro Nordeste
tu és a Jerusalém.

Sempre me lembro e relembro,
 não hei de me deslembrar:

O dia 2 de Novembro,
 tua festa espetacular
 pois vem de muitos Estados
 os carros superlotados
 conduzindo os passageiros
 e jamais será feliz
 aquele que contradiz
 a devoção dos romeiros.

No lugar onde se achar
 um fervoroso romeiro,
 ai daquele que falar,
 contra ou mal, do Juazeiro.
 Pois entre os devotos crentes,
 velhos, moços e inocentes,
 a piedade é comum,
 porque o santo reverendo
 se encontra ainda vivendo
 no peito de cada um.

Tu, Juazeiro, és o abrigo
 da devoção e da piedade.
 Eu te louvo e te bendigo
 por tua felicidade,
 me sinto bem, quando vejo
 que tu és do sertanejo
 a cidade predileta.
 Por tudo quanto tu tens
 recebe estes parabéns
 do coração de um poeta.

Figura 3: Imagem retirada da *internet*.
 Social Bauru.



Fonte:
<https://www.socialbauru.com.br/2018/10/22/cordel-genero-literario/>.

Figura 4: Imagem retirada da *internet*.
 Britannica Escola.



Fonte:
<https://escola.britannica.com.br/artigo/cordel/574457>.

Esse momento de sensibilização faz-se relevante a fim de que o/a professor/a possa apresentar a literatura de cordel para seus estudantes e eles possam entender que o cordel faz parte da cultura nordestina, sendo um texto literário, apesar de não apresentar, muitas vezes, claramente, elementos de erudição. Além disso, é preciso que o/a professor/a esclareça para seus estudantes a importância do cordel enquanto manifestação da cultura popular e que essa cultura se relaciona com as variações sofridas pela língua, explicitando que as variantes são características da dinamicidade das línguas que estão em constante movimento e transformação.

Orientação didático-pedagógica

Após a sensibilização e apresentação da literatura de cordel enquanto tema de estudo da Língua Portuguesa, o/a professor/a poderá solicitar aos estudantes, divididos em grupos, como atividade para casa, que pesquisem cordéis na internet e os leve à sala de aula para análise e discussão acerca das características e da intencionalidade dos textos. Nesse momento, o/a professor/a ainda não encaminhará o trabalho para os textos de Patativa do Assaré, pois a intenção primeira é apresentar o gênero cordel, principais autores e algumas de suas obras.

2ª etapa – Estudo de cordéis de Patativa do Assaré (3 h/a)

Nesse segundo momento, inicialmente, o/a professor/a de Português apresentará o poeta Patativa do Assaré. O seguinte texto, adaptado dos *sites* InfoEscola⁴ e Ebiografia⁵, pode ser utilizado para esse momento.

⁴ Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>.

⁵ Disponível em: https://www.ebiografia.com/patativa_assare/.

Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, nasceu na Serra de Santana, a 18 km da cidade de Assaré, em 5 de março de 1909. Filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, família pobre; com seis anos perdeu a visão do olho direito em consequência do sarampo e aos oito anos perdeu o pai, passando, a partir daí, a trabalhar na roça para garantir o sustento da família.

Com a idade de 12 anos, Patativa do Assaré frequentou uma escola durante quatro meses, onde aprendeu um pouco da leitura e se tornou apaixonado pela poesia, passando a escrever poesia e produzir pequenos textos. Com 13 anos começou a fazer pequenos versos. Com 16 anos comprou uma viola e logo começou a fazer repentes com os motes que lhe eram apresentados, apresentando-se em saraus e pequenas festividades de sua cidade natal.

O nome “Patativa” surgiu devido à semelhança entre seu canto e o do pássaro Patativa, ave nordestina que possui um canto mavioso e singular. Com vinte anos, Patativa do Assaré começou a viajar por várias cidades do Nordeste e diversas vezes se apresentou na Rádio Araripe. Viajou para o Pará em companhia de um parente José Alexandre Montoril, que lá morava. Patativa passou cinco meses cantando ao som da viola em companhia dos cantadores locais. Nessa época, incorpora o Assaré ao seu nome. Patativa do Assaré, que foi casado com D. Belinha, teve nove filhos.

Entre 1930 e 1955, Patativa permanece na Serra de Santana, quando compõe a maior parte de sua poesia. Nessa época, passa a declamar seus poemas na Rádio Araripe, quando é ouvido pelo filólogo José Arraes, que o ajuda na publicação de seu primeiro livro, “Inspiração Nordestina” (1956), no qual reuniu vários de seus poemas.

Mesmo com um linguajar rude falado pelo sertanejo, crivado de erros e mutilações, a poesia de Patativa do Assaré teve projeção por todo o Brasil com a gravação de “Triste Partida” (1964), pelo cantor Luiz Gonzaga. A poesia de Patativa do Assaré traz uma visão crítica da dura realidade social do povo sertanejo, o que lhe valeu o título de “Poeta Social”.

Mesmo longe dos grandes centros, Patativa estava sempre atento com os fatos políticos do país; a política também foi tema de sua obra. Durante o regime

militar, criticou os militares e chegou a ser perseguido. Participou da campanha das Diretas Já e, em 1984, publicou o poema “Inleição Direta 84”.

Patativa do Assaré publicou inúmeros folhetos de cordel, viu seus poemas serem publicados em jornais e revista. Suas poesias foram reunidas em diversos livros, entre eles: “Cantos da Patativa” (1966), “Canta lá Que Eu Canto Cá” (1978), “Aqui Tem Coisa” (1994), entre outros. Com a produção de Fagner, gravou o LP “Poemas e Canções” (1979). Em 1981 lançou o LP “A Terra é Naturá”.

Sua poesia experimentou as cantorias e seus desafios, o cordel e sua dicção repentista, a alfabetização iniciática e as leituras dos clássicos da poesia universal. Atravessou o limiar dos terreiros para se abrigar nas praças, junto aos feirantes. Invadiu as ondas do rádio e se difundiu na mídia de tal maneira que não há como classificá-lo entre “popular” e “erudito”, “regional” e “universal”, pois o canto de Patativa é eterno e universal.

A grande satisfação do poeta era “ser reconhecido” como cumpridor de sua missão de poeta que destacou seu papel de defensor de seu “Caboclo roceiro”, mesmo vivendo numa comunidade rural atrasada, dominada por coronéis que monopolizavam a agricultura, sendo refém do descaso dos governantes em relação ao problema da seca. Essa opressão nunca abateu seu ânimo: antes, fortaleceu-o ainda mais, tornando-o um cidadão mais crítico, que, através da sua poesia, denunciava os problemas sociais e se defendia das investidas dos poderosos. Isso lhe custou uma rápida prisão e ameaças. Contudo, garantiu-lhe o título da qual se orgulhava: “poeta da justiça social”.

Patativa é considerado o gênio da literatura cearense, por ser um poeta dotado de habilidades especiais. Durante toda sua vida, o poeta empenhou-se para manter-se fiel a seus princípios e a sua missão poética. Patativa do Assaré faleceu aos 93 anos, em 8 de julho de 2002. Contudo, sua memória continua viva no Memorial Patativa do Assaré, em sua cidade natal, Assaré, sul do Ceará. Sua obra tem sido estudada por pesquisadores, professores, fruída nas universidades e fora dela. Também tem sido objeto de estudo de mestre e doutores.

Orientação didático-pedagógica

Após a apresentação do poeta Patativa do Assaré, o/a professor/a apresentará algumas obras cordelísticas de Patativa do Assaré. Esse

trabalho pode ser feito a partir do modelo de rotação por estações. Para isso, o/a docente deverá distribuir os estudantes em cinco estações, haja vista que propomos o estudo de cinco cordéis de Patativa. Cada estação deve receber um dos cordéis, efetuar a leitura e interpretação para apresentar aos colegas das outras estações. Esse momento pode ser enriquecido com a utilização de recursos digitais como o projetor multimídia para projeção dos cordéis a fim de que os estudantes façam uso das projeções para apresentar a interpretação dos cordéis. Ao final desse momento, o/a professor/a abordará a questão das variações linguísticas explicando-as no contexto dos cordéis estudados.

Seguem sugestões de cordéis do referido autor que podem ser trabalhados nesse momento pelo/a professor/a:

A triste partida⁶

(Patativa do Assaré)

Setembro passou, com outubro e
novembro

Já tamo em dezembro.

Meu Deus, que é de nós?

Assim fala o pobre do seco Nordeste,

Com medo da peste,

Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,

Perdeu sua crença

Nas pedra de sá.

Mas nôta experiência com gosto se
agarra,

Pensando na barra

Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não
veio,

O só, bem vermeio,

Nasceu munto além.

Na copa da mata, buzina a cigarra,

Ninguém vê a barra,

Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,

Depois, feverêro,

E o mêrmo verão

Entonce o rocêro, pensando consigo,

Diz: isso é castigo!

Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido

Do Santo querido,

Senhô São José.

Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,

Lhe foge do peito

O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,

Chamando a famia

Começa a dizê:

Eu vendo meu burro, meu jegue e o
cavalo,

Nós vamo a São Palo

Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá
feia;

Por terras aleia

Nós vamo vagá.

Se o nosso destino não fô tão
mesquinho,

Pro mêrmo cantinho

Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o
cavalo,

Inté mêrmo o galo

Vendêro também,

Pois logo aparece feliz fazendêro,

Por pôco dinhêro

Lhe compra o que tem.

⁶ Disponível em:

http://www.fisica.ufpb.br/~romero/port/ga_pa.htm#Atri

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia,
Já vai viajá.

A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.
Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partido de pena,
De longe inda acena:
Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,
E o carro embalado,
Veloz a corrê,
Tão triste, o coitado, falando saudoso,
Um fio choroso
Escrama, a dizê:

– De pena e sodade, papai, sei que morro!

Meu pobre cachorro,

Quem dá de comê?

Já ôto pergunta: – Mãezinha, e meu gato?

Com fome, sem trato,

Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:

– Mamãe, meus brinquedo!

Meu pé de fulô!

Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!

E a minha boneca

Também lá ficou.

E assim vão dexando, com choro e gemido,

Do berço querido

O céu lindo e azu.

Os pai, pesaroso, nos fio pensando,

E o carro rodando

Na estrada do Su.

Chegaro em São Paulo – sem cobre, quebrado.

O pobre, acanhado,

Percura um patrão.

Só vê cara estranha, da mais feia gente,

Tudo é diferente

Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
E sempre no prano

De um dia inda vim.

Mas nunca ele pode, só veve devendo,

E assim vai sofrendo

Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte

Tem ele por sorte

O gosto de uvi,

Lhe bate no peito sodade de móio,

E as água dos óio

Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo
desprezo,
Ali teve preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando, vai dia vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tão forte, tão
bravo,
Vivê como escravo
Nas terra do su.

ABC do Nordeste⁷

(Patativa do Assaré)

A - Ai, como é duro viver
nos Estados do Nordeste
quando o nosso Pai Celeste
não manda a nuvem chover.
É bem triste a gente ver
findar o mês de janeiro
depois findar fevereiro
e março também passar,
sem o inverno começar
no Nordeste brasileiro.

B — Berra o gado impaciente
reclamando o verde pasto,
desfigurado e arrasto,
com o olhar de penitente;
o fazendeiro, descrente,
um jeito não pode dar,
o sol ardente a queimar
e o vento forte soprando,
a gente fica pensando
que o mundo vai se acabar.

C — Caminhando pelo espaço,
como os trapos de um lençol,
pras bandas do pôr do sol,
as nuvens vão em fracasso:
aqui e ali um pedaço
vagando... sempre vagando,

quem estiver reparando
faz logo a comparação
de umas pastas de algodão
que o vento vai carregando.

D — De manhã, bem de manhã,
vem da montanha um agouro
de gargalhada e de choro
da feia e triste cauã:
um bando de ribançã
pelo espaço a se perder,
pra de fome não morrer,
vai atrás de outro lugar,
e ali só há de voltar,
um dia, quando chover.

E — Em tudo se vê mudança
quem repara vê até
que o camaleão que é
verde da cor da esperança,
com o flagelo que avança,
muda logo de feição.
O verde camaleão
perde a sua cor bonita
fica de forma esquisita
que causa admiração.

F — Foge o prazer da floresta
o bonito sabiá,
quando flagelo não há
cantando se manifesta.
Durante o inverno faz festa
gorjeando por esporte,
mas não chovendo é sem sorte,

⁷ Disponível em:
<https://vermelho.org.br/2008/11/09/patativa-do-assare-abc-do-nordeste-flagelado-2/>.

fica sem graça e calado
o cantor mais afamado
dos passarinhos do norte.

G — Geme de dor, se aquebranta
e dali desaparece,
o sabiá só parece
que com a seca se encanta.
Se outro pássaro canta,
o coitado não responde;
ele vai não sei pra onde,
pois quando o inverno não vem
com o desgosto que tem
o pobrezinho se esconde.

H — Horrroso, feio e mau
de lá de dentro das grotas,
manda suas feias notas
o tristonho bacurau.
Canta o João corta-pau
o seu poema funério,
é muito triste o mistério
de uma seca no sertão;
a gente tem impressão
que o mundo é um cemitério.

I — Ilusão, prazer, amor,
a gente sente fugir,
tudo parece carpir
tristeza, saudade e dor.
Nas horas de mais calor,
se escuta pra todo lado
o toque desafinado
da gaita da seriema

acompanhando o cinema
no Nordeste flagelado.

J — Já falei sobre a desgraça
dos animais do Nordeste;
com a seca vem a peste
e a vida fica sem graça.
Quanto mais dia se passa
mais a dor se multiplica;
a mata que já foi rica,
de tristeza geme e chora.
Preciso dizer agora
o povo como é que fica.

L — Lamento desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,
mas não lucrou seu roçado.
Num banco velho, sentado,
olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente.

M — Minha boa companheira,
diz ele, vamos embora,
e depressa, sem demora
vende a sua cartucheira.
Vende a faca, a roçadeira,
machado, foice e facão;
vende a pobre habitação,
galinha, cabra e suíno
e viajam sem destino

em cima de um caminhão.

N — Naquele duro transporte
sai aquela pobre gente,
aguentando paciente
o rigor da triste sorte.
Levando a saudade forte
de seu povo e seu lugar,
sem um nem outro falar,
vão pensando em sua vida,
deixando a terra querida,
para nunca mais voltar.

O — Outro tem opinião
de deixar mãe, deixar pai,
porém para o Sul não vai,
procura outra direção.
Vai bater no Maranhão
onde nunca falta inverno;
outro com grande consterno
deixa o casebre e a mobília
e leva a sua família
pra construção do governo.

P - Porém lá na construção,
o seu viver é grosseiro
trabalhando o dia inteiro
de picareta na mão.
Pra sua manutenção
chegando dia marcado
em vez do seu ordenado
dentro da repartição,
recebe triste ração,
farinha e feijão furado.

Q — Quem quer ver o sofrimento,
quando há seca no sertão,
procura uma construção
e entra no fornecimento.
Pois, dentro dele o alimento
que o pobre tem a comer,
a barriga pode encher,
porém falta a substância,
e com esta circunstância,
começa o povo a morrer.

R — Raquítica, pálida e doente
fica a pobre criatura
e a boca da sepultura
vai engolindo o inocente.
Meu Jesus! Meu Pai Clemente,
que da humanidade é dono,
desça de seu alto trono,
da sua corte celeste
e venha ver seu Nordeste
como ele está no abandono.

S — Sofre o casado e o solteiro
sofre o velho, sofre o moço,
não tem janta, nem almoço,
não tem roupa nem dinheiro.
Também sofre o fazendeiro
que de rico perde o nome,
o desgosto lhe consome,
vendo o urubu esfomeado,
puxando a pele do gado
que morreu de sede e fome.

T — Tudo sofre e não resiste
este fardo tão pesado,

no Nordeste flagelado
 em tudo a tristeza existe.
 Mas a tristeza mais triste
 que faz tudo entristecer,
 é a mãe chorosa, a gemer,
 lágrimas dos olhos correndo,
 vendo seu filho dizendo:
 mamãe, eu quero morrer!

U — Um é ver, outro é contar
 quem for reparar de perto
 aquele mundo deserto,
 dá vontade de chorar.
 Ali só fica a teimar
 o juazeiro copado,
 o resto é tudo pelado
 da chapada ao tabuleiro
 onde o famoso vaqueiro
 cantava tangendo o gado.

V — Vivendo em grande maltrato,
 a abelha zumbindo voa,
 sem direção, sempre à toa,
 por causa do desacato.
 À procura de um regato,
 de um jardim ou de um pomar
 sem um momento parar,
 vagando constantemente,
 sem encontrar, a inocente,
 uma flor para pousar.

X — Xexéu, pássaro que mora
 na grande árvore copada,
 vendo a floresta arrasada,

bate as asas, vai embora.
 Somente o saguim demora,
 pulando a fazer careta;
 na mata tingida e preta,
 tudo é aflição e pranto;
 só por milagre de um santo,
 se encontra uma borboleta.

Z — Zangado contra o sertão
 dardeja o sol inclemente,
 cada dia mais ardente
 tostando a face do chão.
 E, mostrando compaixão
 lá do infinito estrelado,
 pura, limpa, sem pecado
 de noite a lua derrama
 um banho de luz no drama
 do Nordeste flagelado.
 Posso dizer que cantei
 aquilo que observei;
 tenho certeza que dei
 aprovada relação.
 Tudo é tristeza e amargura,
 indignância e desventura.
 — Veja, leitor, quanto é dura
 a seca no meu sertão.

Nordestino, sim, Nordestinado, não⁸

(Patativa do Assaré)

Nunca diga nordestino
 Que Deus lhe deu um destino
 Causador do padecer,
 Nunca diga que é o pecado
 Que lhe deixa fracassado
 Sem condição de viver.

Não guarde no pensamento
 Que estamos no sofrimento
 É pagando o que devemos.
 A Providência Divina
 Não nos deu a triste sina
 De sofrer o que sofremos.

Deus o autor da criação
 Nos dotou com a razão
 Bem livres de preconceitos,
 Mas os ingratos da terra
 Com opressão e com guerra
 Negam os nossos direitos.

Não é Deus que nos castiga,
 Nem é a seca que obriga
 Sofrermos dura sentença,
 Não somos nordestinados,
 Nós somos injustiçados
 Tratados com indiferença.
 Sofremos em nossa vida

Uma batalha renhida
 Do irmão contra o irmão,
 Nós somos injustiçados,
 Nordestinos explorados,
 Mas nordestinados, não.

Há muita gente que chora
 Vagando de estrada afora
 Sem terra, sem lar, sem pão,
 Crianças esfarrapadas,
 Famintas escaveiradas
 Morrendo de inanição.

Sofre o neto, o filho e o pai,
 Para onde o pobre vai
 Sempre encontra o mesmo mal,
 Esta miséria campeia
 Desde a cidade à aldeia
 Do sertão à capital.

Aqueles pobres mendigos
 Vão à procura de abrigos
 Cheios de necessidades,
 Nesta miséria tamanha
 Se acabam na terra estranha
 Sofrendo fome e saudade.

Mas não é o Pai Celeste
 Que faz sair do Nordeste
 Legiões de retirantes,
 Os grandes martírios seus
 Não é permissão de Deus,
 É culpa dos governantes.

⁸ Disponível em:
<https://atividadesdeportugueseliteratura.blogspot.com/2016/11/atividade-de-interpretacao-com-poema-de.html>.

Já sabemos muito bem
De onde nasce e de onde vem
A raiz do grande mal,
Vem da situação crítica
Desigualdade política
Econômica e social.

Somente o amor é capaz
E dentro de um país faz
Um só povo bem unido,
Um povo que gozará
Porque assim, já não há
Opressor nem oprimido.

Somente a fraternidade
Nos traz a felicidade,
Precisamos dar as mãos,
Para que vaidade e orgulho
Guerra, questão e barulho
Dos irmãos contra os irmãos.
Jesus Cristo, o Salvador,
Pregou a paz e o amor
Na santa doutrina sua,

O direito banqueiro
É o direito do tropeiro
Que apanha os trapos na rua.

Uma vez que o conformismo
Faz crescer o egoísmo
E a injustiça aumentar,
Em favor do bem comum
É dever de cada um
Pelos direitos lutar.
Por isto, vamos lutar,
Nós vamos reivindicar
O direito e a liberdade
Procurando em cada irmão
Justiça, paz e união,
Amor e fraternidade.

Aos Poetas Clássicos⁹

(Patativa do Assaré)

Poetas niversitário,
 Poetas de Cademia,
 De rico vocabularo
 Cheio de mitologia;
 Se a gente canta o que pensa,
 Eu quero pedir licença,
 Pois mesmo sem português
 Neste livrinho apresento
 O prazê e o sofrimento
 De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
 Vivi sempre a trabaiá,
 Neste meu pobre recato,
 Eu não pude estudá.
 No verdô de minha idade,
 Só tive a felicidade
 De dá um pequeno insaio
 In dois livro do iscritô,
 O famoso professô
 Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
 Belas figuras na capa,
 E no começo se lia:
 A pá — O dedo do Papa,
 Papa, pia, dedo, dado,
 Pua, o pote de melado,
 Dá-me o dado, a fera é má

E tantas coisa bonita,
 Qui o meu coração parpita
 Quando eu pego a rescordá.

Foi os livro de valô
 Mais maió que vi no mundo,
 Apenas daquele autô
 Li o premêro e o segundo;
 Mas, porém, esta leitura,
 Me tirô da treva escura,
 Mostrando o caminho certo,
 Bastante me protegeu;
 Eu juro que Jesus deu
 Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,
 Fiquei me sintindo bem,
 E ôtras coisinha aprendi
 Sem tê lição de ninguém.
 Na minha pobre language,
 A minha lira servage
 Canto o que minha arma sente
 E o meu coração incerra,
 As coisa de minha terra
 E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,
 Poeta de cademia,
 De rico vocabularo
 Cheio de mitologia,
 Tarvez este meu livrinho
 Não vá recebê carinho,
 Nem lugio e nem istima,
 Mas garanto sê fié

⁹ Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/anton03.html>.

E não istruí papé
 Com poesia sem rima.
 Cheio de rima e sintindo
 Quero iscrevê meu volume,
 Pra não ficá parecido
 Com a fulô sem perfume;
 A poesia sem rima,
 Bastante me disanima
 E alegria não me dá;
 Não tem sabô a leitura,
 Parece uma noite iscura
 Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá
 Se o verso sem rima presta,
 Calado eu não vou ficá,
 A minha resposta é esta:
 — Sem a rima, a poesia
 Perde alguma simpatia
 E uma parte do primô;
 Não merece munta parma,
 É como o corpo sem arma
 E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,
 Qui faz poesia branca,
 Não me chame de pateta
 Por esta opinião franca.
 Nasci entre a natureza,
 Sempre adorando as beleza
 Das obra do Criadô,
 Uvindo o vento na serva
 E vendo no campo a reva
 Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,
 Sem letra e sem istrução;
 O meu verso tem o chêro
 Da poêra do sertão;
 Vivo nesta solidade
 Bem distante da cidade
 Onde a ciença governa.
 Tudo meu é naturá,
 Não sou capaz de gostá
 Da poesia moderna.

Dêste jeito Deus me quis
 E assim eu me sinto bem;
 Me considero feliz
 Sem nunca invejá quem tem
 Profundo conhecimento.
 Ou ligêro como o vento
 Ou divagá como a lêsma,
 Tudo sofre a mesma prova,
 Vai batê na fria cova;
 Esta vida é sempre a mesma.

Vicença Sofia ou O Castigo de Mãe¹⁰ (Patativa do Assaré)

Vô dá uma prova franca,
falando pra seu doto:
gente preta e gente branca,
tudo é de Nosso Sinhô.
Mas tem branco inconsciente,
que querendo sê decente
diz que o preto faz e nega,
que o preto tem toda faia;
não vê os rabo de paia
que muitos branco carrega.

Pra sabê que o preto tem
capacidade e valia,
não vou mexê com ninguém
provo é na minha famia
Eu sou branco, quase louro
mas no primeiro namoro,
com a santa proteção
da Divina Providença
eu casei com a Vicença
preta de co de carvão.

Ela não tinha beleza,
não vô menti, nem negá,
mas tinha delicadeza
e sabia trabaiá.
Venta chata, beijo grosso,
e muito curto o pescoço,

disto tudo eu dava fé.
A feiúra eu não escondo,
os óio grande e redondo
que nem os do caboré.

Mas Deus, com sua ciência
em tudo faz as mistura;
a bondade da Vicença
tirava a sua feiúra.
E o amô não é brinquedo,
amô é grande segredo
que nem o sábio revela.
Quando a Vicença falava
parece que Deus mandava
que eu me casasse com ela.

Houve um barui do diacho,
papai e mamãe não queria.
Foram arriba e foram abaixo
mode vê se eu desistia,
um falava, outro falava,
porém do jeito que eu tava
eu não podia deixá,
eu tava que nem ureca
que depois que prega e seca,
não tem quem possa arrancá.

Mamãe dizia: – Romeu,
veja a grande diferença,
veja a cô que .Deus lhe deu
e o pretume da Vicença.
Tenha vergonha, se ajeite,
aquela pipa de azeite
não serve de companhia.

¹⁰ Disponível em:
<https://mundocordel.com/vicenca-sofia-ou-o-castigo-de-mae-patativa-do-assare/>.

Isto é papel do Capeta,
 você com aquela preta
 desgraça nossa famia.

Isso muito me aborrece.
 Que futuro você acha
 nessa preta que parece
 um tubo sujo de graxa?
 Lhe dou um conselho agora:
 deixe tudo e vá se embora ganhá
 dinheiro no Sul.
 Venda o meu burro e o cavalo,
 vá se embora pra São Paulo,
 acabe com esse angu.

Mude a sua opinião,
 senão você fica à-toa.
 Eu não lhe boto benção
 e o seu pai lhe amaldiçoa.
 Este infeliz casamento
 só vai lhe dá sofrimento.
 Isto eu digo e em Deus confio,
 você vai se arrependê,
 depois, mais tarde vai tê
 vergonha até de seus fio.

9.

Fio com mãe não discute,
 mas porém com esta briga,
 eu disse: – Mamãe, escute,
 é preciso que eu lhe diga,
 não fale da fia aleia.
 A Vicença é preta e feia,
 não vou lhe dizê que não.
 Disto tudo eu já dei fé,

mas eu não quero muié
 pra botá na exposição.

Mamãe, eu quero muié
 é pra mo de me ajudá,
 fazê comida e café
 e a minha vida zelá.
 E aquela é uma pessoa
 que pra mim tá muito boa,
 o que é que a senhora pensa?
 Lhe digo sem brincadeira,
 mamãe é trabalhadeira,
 mas não vai com a Vicença.

Dotô, mamãe desta vez
 de raiva ficou cinzenta.
 Fungou igual uma rês
 quando cai água nas venta.
 Com raiva saiu de perto,
 e eu achei que eu tava certo
 defendendo meu amô,
 pois tenho na minha mente
 que o nego também é gente,
 pertence a Nosso Sinhô.

E eu disse: – Eu vou é botá
 meu casamento pra riba.
 Tenho idade de casá,
 não vejo quem me proíba.
 Saí como quem não foge,
 fui na casa de seu Jorge.
 Cheguei lá, pedi licença
 e tratei do meu noivado;
 ficou todo admirado

do meu amô por Vicença.

E eu disse: – Mamãe e papai
o casamento não qué,
mas porém a coisa vai
mesmo havendo rapapé.
Seu Jorge, eu quero é depressa,
já dei a minha promessa,
e eu prometendo não nego.
Mesmo eu conheço o direito,
casamento deste jeito
se faz é trás e zás, nó cego.

Seu Jorge com muito gosto
fez as obrigação? dele,
pois era forte e disposto,
que eu nunca vi como aquele.
Depois que fez os preparo,
convidô seu Januário,
um bom tocadô que eu acho,
que é com seu dom soberano,
o maió pernambucano
pra tocá nos oito baixo.

Com a pressa que nós tinha,
seu Jorge tomou a frente
como quem caça meizinha
quando tá com dô de dente.
E depressa, sem demora,
veio o dia e veio a hora
do mais feliz casamento.
E perto do sol se pô,
seu Januário chegô
montado no seu jumento.

Eita, festona animada!
Mió não podia sê.
O tamanho da latada
não é bom nem se dizê.
Sogra, sogro e seus parente
brincava tudo contente,
cada qual o mais feliz.
Porém, ninguém puxou fogo,
nem houve banca de jogo
porque seu Jorge não quis.

Era noite de luá
e a lua, o mundo briando
dentro das lei naturá,
lá pelo espaço, vagando,
pura como a consciença
da minha noiva Vicença,
o meu amparo e meu bem.
Parece até que se ria
e pras estrela dizia:
– Romeu, tá de parabém.

Seu Januário sem medo
tomou um pequeno gole
e foi molengando os dedo
no teclado do seu fole.
Os véio, os moço e as criança
caíram dentro da dança
com uma alegria imensa.
E eu com a noiva dançando,
já ia me acostumando
com o suó de Vicença.

Seu dotô, eu sei que alguém
 não me acredita e me xinga,
 mas do suó do meu bem
 eu nunca senti catinga.
 Esta vaidade tola
 da branca contra a crioula,
 a maió besteira é.
 Com tudo a gente se arruma,
 Qualquer home se acostuma
 Com o cheiro das muié.

Seu moço, não ache ruim,
 pois eu vou continuar.
 Uma história boa assim
 só se conta devagar.
 Já disse com paciência
 que eu casei com a Vicensa,
 é este o primeiro trecho,
 o mais mió deste mundo.
 Agora eu conto o segundo
 pro sinhô vê o desfecho.

Nem com a força do vento
 a luz de Deus não se apaga.
 E quando chega o momento,
 aquele que deve, paga.
 Muito ignorante foi
 mamãe, que Deus lhe perdoe,
 e papai, o seu marido.
 Nenhum falava com eu,
 pra eles dois, o Romeu
 tinha desaparecido.

Mas nosso Deus verdadeiro

com a providença sua,
 escreve certo e linheiro
 até num arco de pua.
 Lá um dia a casa cai,
 com mamãe e com papai
 um desastre aconteceu.
 Escute bem o que digo
 e veja como o castigo
 na casa deles bateu.

O meu irmão, o José,
 que ainda tava solteiro,
 lesado, besta e paié2
 que nem peru no poleiro,
 se largou do seus cuidado
 e por mamãe atiçado,
 entendeu de se casá.
 E casou com a Sofia,
 a mais bonita que havia
 praquelas banda de lá.

A Sofia era alinhada
 branca do cabelo louro,
 disciplinada e formada
 nas escola de namoro.
 O que tinha de fromosa
 tinha também de manhosa.
 Dos trabaio de cozinha
 ela não sabia nada,
 e pra sê bem adulada
 tomou mamãe por madrinha.

Foi a maió novidade
 o casório de José.

Pra lhe dizê a verdade
 sortaro até buscapé,
 foguete, traque e chuvinha.
 Com o prazê que eles tinha,
 foi comida pra sobrá.
 Houve almoço, janta e ceia,
 mataro até minha oveia
 que eu tinha deixado lá.

Foi grande o contentamento
 como igual eu nunca vi.
 E depois do casamento,
 era Sofia prali
 e Sofia pracolá.
 A mamãe, que pra cantá
 nunca teve intilgença,
 sorfejava toda hora
 só porque tinha uma nora
 diferente da Vicença.

Mas pra fazê trapaiada
 Sofia era cobra mansa.
 Inventou umas andada
 por aquelas vizinhança.
 E o meu irmão sem receio
 não ligava estes passeio
 confiando na muié.
 Mas porém a descarada
 tava naquelas andada
 botando chifre em José.

A coisa inda tava assim
 na base da confusão:
 alguns dizia que sim,

outros dizia que não.
 Mas foi pegada em flagrante
 lá dentro duma vazante
 nuns escondidos que tinha.
 E quer sabê quem pegô?
 Não foi eu, nem seu dotô,
 foi mamãe, sua madrinha.

A mamãe toda tremendo
 naquele triste segundo,
 como se tivesse vendo
 uma coisa do outro mundo,
 voltou pra casa chorando
 lamentando e cramunhando
 o caso que aconteceu.
 E a Sofia foi embora,
 largou-se de mundo afora
 nunca mais apareceu.

Por causa daquele embrulho,
 minha mamãe acabou
 com a soberba e o orgulho
 que sempre a acompanhou.
 Mandô pedi com urgença
 que eu fosse mais a Vicença
 mode me botá benção.
 Pois ela e o seu marido,
 de tudo que tinha havido
 queriam pedir perdão.

Com o que fez a Sofia
 mamãe virou gente boa.
 E dizia: – Minha fia,
 Vicença, tu me perdoa?

Como o pobre penitente
que dentro da sua mente
um fardo de culpa leva,
mamãe na frente da nora
parecia a branca aurora
pedindo perdão à treva.

Se acabou a desavença,
se acabou a grande briga.
Pra ela, hoje a Vicença
é nora, filha e amiga.
Hoje o seu prazer completo
é pentear seus três netos
do cabelo arrupiado.
Cabelo mesmo de bucha
mas mamãe puxa e repuxa
até que fica estirado.

E é por isso que onde eu chego,
no lugar onde eu tive,
ninguém fala mal de nego
que seja home ou muié;
o preto tendo respeito
goza de justo direito
de ser cidadão de bem.
A Vicença é toda minha
e eu não dou minha pretinha
por branca de seu ninguém.

Se de qualquer parte eu venho,
entro na minha morada
e aquilo que eu quero, tenho,
tudo na hora marcada
da sala até a cozinha;

e a Vicença é toda minha
e eu também sou dela só.
Eu sou home, ela é muié
e o que eu quero ela qué,
pra que coisa mais mió?

Seu dotô, muito obrigado
por sua grande atenção,
escutando este passado
que serve até de lição.
Neste mundo de vaidade,
critério, honra e bondade
não têm nada com a cô.
Eu morro falando franco:
tanto o preto como o branco
pertence a Nosso Sinhô.

3ª etapa – Estudo das variações linguísticas (3 h/a)

Nesse momento, o/a professor/a de Língua Portuguesa iniciará o estudo propriamente dito das variações linguísticas. Até então, o gênero cordel, os principais cordelistas e o autor Patativa do Assaré e alguns de seus cordéis foram apresentados aos estudantes. Com o estudo dos cordéis de Patativa, o/a docente deu início à abordagem acerca das variações linguísticas e, no momento aqui descrito, ele/a deverá apresentar o conceito das variações linguísticas, sua importância para a Língua Portuguesa e trabalhar a questão do preconceito linguístico.

O objetivo é apresentar as variações linguísticas como aspecto da dinamicidade das línguas, de enriquecimento do idioma, porém sem deixar de esclarecer a adequação e inadequação da utilização das variantes nos mais diversos contextos potencialmente vividos pelos estudantes. Além disso, objetiva-se, nesse momento, esclarecer a necessidade do respeito às variantes linguísticas como aspecto da cultura das diversas regiões e combater o preconceito linguístico, sobretudo em relação aos falares nordestinos.

Para auxiliar o/a professor/a no trabalho com as variações linguísticas, sugerimos os textos que seguem abaixo e foram adaptados dos *sites* Brasil Escola¹¹, Mundo Educação¹² e Mundo Uol Educação¹³:

TEXTO 1

Variações Linguísticas

A variação linguística é um fenômeno natural que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua em relação às possibilidades de mudança de seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia, sintaxe). Ela existe porque as línguas possuem a característica de serem dinâmicas e sensíveis a fatores como a região geográfica, o sexo, a idade, a classe social do falante e o grau de formalidade do

¹¹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-variacao-linguistica.htm>.

¹² Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/preconceito-linguistico-x-variacao-linguistica.htm>.

¹³ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/preconceito-linguistico-x-variacao-linguistica.htm>.

contexto da comunicação. Toda variação linguística é adequada para atender às necessidades comunicativas e cognitivas do falante. Assim, quando julgamos errada determinada variedade, estamos emitindo um juízo de valor sobre os seus falantes e, portanto, agindo com preconceito linguístico.

→ Tipos de variação linguística

- Variedade regional: São aquelas que demonstram a diferença entre as falas dos habitantes de diferentes regiões do país, diferentes estados e cidades. Por exemplo, os falantes do estado de Minas Gerais possuem uma forma diferente em relação à fala dos falantes do Rio de Janeiro. Observe a abordagem de variação regional em um poema de Oswald de Andrade:

Vício da fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados.

- **Variedades sociais:** São variedades que possuem diferenças em nível fonológico ou morfossintático. Veja:
 - ✓ Fonológicos - “prantar” em vez de “plantar”; “bão” em vez de “bom”; “pobrema” em vez de “problema”; “bicicreta” em vez de “bicicleta”.
 - ✓ Morfossintáticos - “dez real” em vez de “dez reais”; “eu vi ela” em vez de “eu a vi”; “eu truci” em vez de “eu trouxe”; “a gente fumo” em vez de “nós fomos”.
- **Variedades estilísticas:** São as mudanças da língua de acordo com o grau de formalidade, ou seja, a língua pode variar entre uma linguagem formal ou uma linguagem informal.
 - ✓ Linguagem formal: é usada em situações comunicativas formais, como uma palestra, um congresso, uma reunião empresarial etc.

- ✓ Linguagem Informal: é usada em situações comunicativas informais, como reuniões familiares, encontro com amigos etc. Nesses casos, há o uso da linguagem coloquial.

- **Gíria ou Jargão:** É um tipo de linguagem utilizada por um determinado grupo social, fazendo com que se diferencie dos demais falantes da língua. A gíria é normalmente relacionada à linguagem de grupos de jovens (skatistas, surfistas, rappers etc.). O jargão é, em geral, relacionado à linguagem de grupos profissionais (professores, médicos, advogados etc.).

→ **Variações Linguísticas X Norma Padrão**

As línguas estão em constante mudança. Isso ocorre porque elas seguem a evolução do mundo – tecnologia e comunicação, por exemplo –, acompanhando, também, cada situação cotidiana em que precisamos nos comunicar, tanto na escrita quanto na fala. Cada situação exige de nós uma língua diferente, por isso precisamos estudar e entender o uso da norma padrão da língua portuguesa e as variações linguísticas.

A linguagem culta ou padrão é aquela ensinada nas escolas e serve de veículo às ciências que se apresentam com terminologia especial. É usada por pessoas instruídas, de diferentes classes sociais, e caracteriza-se pela obediência às normas gramaticais. Mais comumente usada na linguagem escrita e literária, reflete prestígio social e cultural. É mais artificial, mais estável, menos sujeita a variações. Está presente nas aulas, conferências, sermões, discursos políticos, comunicações científicas, noticiários de TV, programas culturais etc.

Adaptamos a língua de acordo com as situações que vivemos: ao falar com os amigos, com os familiares, com os professores, em uma entrevista de emprego, enfim, para cada situação utilizamos uma linguagem mais ou menos formal, de acordo com as necessidades de cada situação e os interlocutores com os quais conversamos. É importante observar que nenhuma dessas linguagens está errada, na verdade, elas estão corretas em cada contexto em que ocorrem.

TEXTO 2

Variações Linguísticas X Preconceito Linguístico

A língua é dinâmica e está sujeita a inúmeras variações. Essa peculiaridade de toda e qualquer língua é o que chamamos de variação linguística, sujeita ao contexto histórico, geográfico e sociocultural no qual os falantes estão integrados.

Essa pluralidade da língua é facilmente observada no Brasil, país de extensão territorial e multiplicidade cultural significativas. As variações linguísticas acontecem porque, tendo em vista que a função primordial da língua é a comunicação, os falantes arranjam e rearranjam a língua de acordo com a necessidade de interação social.

Uma vez que essas variações visam à comunicação, jamais devemos considerá-las erros. Ao apontarmos essas alterações como erro, estamos cometendo o que chamamos de preconceito linguístico. Como todo preconceito, age-se maquiavelmente em defesa de um dado *status* imposto como mais adequado e, por vezes, mais “bonito”.

Infelizmente, esse equivocado comportamento é corriqueiro aqui no Brasil. Há, por exemplo, afirmações pejorativas em relação à fala de quem mora no interior. Esse julgamento, em vez de contribuir para que sigamos em um processo educacional democrático, cria barreiras para o enriquecimento de nosso patrimônio cultural.

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada

Evocação do Recife – Manuel Bandeira

Algumas marcas do regionalismo no Brasil:

- abestado: bobo, tolo
- abirobado: maluco
- avalie: imagine
- pão de sal: pão francês
- macaxeira: mandioca, aipim
- arretado: bacana, legal; pessoa forte, concentrada, determinada
- banda: lado, pedaço
- bila: bola de gude
- semáforo: sinal, sinaleiro, farol

É necessário que tenhamos consciência de que há normas que regem e são responsáveis por certa organização de nossa língua, porém, não devemos nos esquecer do que é gramatical e do que é a língua em movimento em busca de alcançar sua função primordial: a comunicação.

→ **Preconceito Linguístico**

O preconceito linguístico é, segundo o professor, linguista e filólogo Marcos Bagno (1999), todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social. Normalmente, esse prejulgamento dirige-se às variantes mais informais e ligadas às classes sociais menos favorecidas, as quais, geralmente, têm menor acesso à educação formal ou têm acesso a um modelo educacional de qualidade deficitária.

→ **Causas do preconceito linguístico**

Segundo Bagno (1999), na obra “Preconceito Linguístico: o que é, como se faz”, o preconceito linguístico deriva da construção de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e, conseqüentemente, reprovável tudo que se diferencie desse modelo. Além disso, está intimamente ligado a outros preconceitos também muito presentes na sociedade, como:

- **Preconceito socioeconômico**

Entre todas as causas, talvez seja a mais comum e a que traga consequências mais graves. Isso se deve ao fato de membros das classes mais pobres, pelo acesso limitado à educação e cultura, geralmente, dominarem apenas as variedades linguísticas mais informais e de menor prestígio. Assim, são excluídos, principalmente, dos melhores postos no mercado profissional, e cria-se a chamada ciclicidade da pobreza: o pai pobre e sem acesso à escola de qualidade dificilmente oferecerá ao filho oportunidades (pela falta de condição), e este, provavelmente, terá o destino daquele.

- **Preconceito regional**

Junto ao socioeconômico, é uma das principais causas do preconceito linguístico. São comuns os casos de indivíduos que ocupam as regiões mais ricas do país manifestarem algum tipo de aversão ao sotaque ou aos regionalismos típicos de áreas mais pobres.

- **Preconceito cultural**

No Brasil, há uma forte aversão por parte da elite intelectual à cultura de massa e às variedades linguísticas por ela usadas. Isso fica evidente, por exemplo, na música. Por muito tempo, o sertanejo e o rap foram segregados no cenário cultural por serem oriundos de classes menos favorecidas (muitas vezes, sem acesso à educação formal) e que se utilizam de uma linguagem bastante informal (a fala do “caipira” ou de um membro de uma comunidade em um grande centro, por exemplo). É muito importante destacar que ambos são estilos musicais extremamente ricos e são parte importantíssima da identidade cultural de milhões de pessoas.

- **Racismo**

Infelizmente, no Brasil, elementos da cultura negra ainda são segregados por uma parcela da população. Isso se reflete na linguagem, por exemplo, no significado

de palavras de origem africana, como “macumba”, que, no Brasil, é ligada a satanismo ou feitiçaria, mas, na verdade, é um instrumento de percussão usado em cerimônias religiosas de origem africana.

- **Homofobia**

É comum que gírias ou expressões sejam rotuladas como específicas da comunidade LGBTQIA+ e, conseqüentemente, repudiadas por aqueles que possuem aversão a esse grupo social.

→ **Conseqüências do preconceito linguístico**

A principal conseqüência do preconceito linguístico é a acentuação dos demais preconceitos a ele relacionados. Isso significa que o indivíduo excluído em uma entrevista de emprego, por se utilizar de uma variedade informal da língua, não terá condições financeiras de romper a barreira do analfabetismo e, provavelmente, continuará excluído. O cidadão segregado por apresentar sotaque de uma determinada região continuará sendo visto de forma estereotipada, sendo motivo de riso ou de chacota e assim por diante.

→ **Preconceito linguístico no Brasil**

No Brasil, o preconceito linguístico é muito perceptível em dois âmbitos: regional e socioeconômico. No primeiro caso, é comum que os agentes estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como o de “nordestino analfabeto” ou de “goiano caipira”, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros. No segundo caso, o preconceito linguístico dirige-se da elite econômica para as classes mais pobres. Segundo o professor Bagno, muitos usam a língua como ferramenta de dominação, visto que o desconhecimento da norma-padrão, de acordo com essas pessoas, representaria um baixo nível de qualificação profissional. Por essa razão, muitas pessoas permanecem nos subempregos e com péssima remuneração. Resumindo, o preconceito linguístico é um dos pilares de manutenção da divisão de classes no Brasil.

→ Fim do preconceito linguístico

A participação da escola, família e mídia na propagação do princípio da adequação linguística é fundamental para o fim do preconceito linguístico.

Adequação linguística: princípio segundo o qual não se fala mais em “certo” ou “errado” na avaliação de uma determinada variedade linguística. Fala-se, pois, se a variedade em questão é adequada ou não à situação comunicativa (contexto) em que ela se manifesta. Isso significa que, em um contexto formal ou solene, seria adequado o uso da linguagem formal (padrão, culta) e inadequado o uso de uma variedade informal (coloquial). Da mesma forma, em situações informais, deve-se usar uma variante informal (coloquial) em detrimento da linguagem formal (padrão, culta).

Exemplo:

⇒ Adequado:

“E aí, cara, bão? Anima cine amanhã?” (contexto: um adolescente conversando com um amigo).

“Bom dia, diretor Pedro! Eu gostaria de falar com o senhor sobre algumas questões de interesse da instituição.” (contexto: um estudante universitário dirigindo-se ao diretor de seu curso)

⇒ Inadequado:

“Olá, dileto confrade! Queria eu convidá-lo para uma atividade casual, como ir ao cinema.” (contexto: um adolescente conversando com um amigo)

“E aí, cara! Bão? Queria trocar uma ideia contigo sobre a facul.” (contexto: um estudante universitário dirigindo-se ao diretor de seu curso)

Após o trabalho com os textos sugeridos o/a docente pode aplicar atividades (para serem respondidas em classe ou em casa) para que os estudantes exercitem o que aprenderam acerca das variações linguísticas. Seguem duas sugestões de atividades adaptadas de diversos *sites de internet*:

4ª etapa – Oficina de cordéis: Visitando a literatura popular a partir da confecção de cordéis (3 h/a) – Parte 1

Após a realização das etapas anteriores, sugerimos a realização da oficina de cordéis na qual os estudantes produzirão pequenos cordéis utilizando variações da língua e tratando de temas acerca da região em que residem. Para tanto, o/a docente dividirá os estudantes em pequenos grupos que deverão elaborar pequenos cordéis a partir dos estudos empreendidos até o momento tendo por base a obra de Patativa do Assaré, buscando abordar assuntos que sejam presentes em suas realidades locais e regionais. Esse será o momento para que os estudantes pensem sobre a sua realidade, sobre as especificidades de sua região, e elaborem, em grupos, os textos de seus cordéis.

O objetivo é que os estudantes possam retratar os acontecimentos de suas realidades a partir do uso de variações linguísticas comumente utilizadas nas regiões em que residem, como forma de expressar o que sentem acerca de seus próprios contextos a partir da arte, bem como reconhecer a expressão artística e cultural revelada pela literatura de cordel.

5ª etapa - Oficina de cordéis (3 h/a): Visitando a literatura popular a partir da confecção de cordéis – Parte 2

Após a elaboração dos textos dos cordéis, o/a professor/a solicitará aos estudantes que produzam os cordéis que serão apresentados, na etapa posterior, numa pequena Mostra de Literatura Popular. Para o desenvolvimento dessa atividade, o/a docente deverá disponibilizar materiais previamente selecionados para que os estudantes confeccionem seus cordéis. Os seguintes materiais são sugeridos:

- Papel madeira;
- Papel ofício colorido;
- Lápis, hidrocor, lápis de cor;
- Tesoura, cola escolar, recortes de revistas, barbante, prendedores de roupa.

Depois de confeccionarem seus cordéis, os estudantes, juntamente com o/a professor/a, organizarão os cordéis pendurados em cordas de barbante, presas às paredes e presos por prendedores de roupa, de modo que fiquem visíveis ao público

que prestigiará a mostra. Importante que a figura de Patativa do Assaré seja referenciada na organização da sala e no desenvolvimento da mostra, de modo a evidenciar a influência da obra desse autor na realização desse trabalho.

6ª etapa - Oficina de cordéis: Mostra de Literatura Popular (3 h/a) – Parte 3

Esse será o momento de realização da pequena Mostra de Literatura Popular dos estudantes do 7º ano. Os visitantes – a comunidade escolar – adentrarão a sala para ver as produções dos estudantes. Cada grupo deverá explicar, rapidamente, a história contada em seu cordel e os motivos que os levaram a retratar esse aspecto de suas realidades.

7ª etapa – Criação e manutenção de uma página numa rede social para divulgação do estudo e produções dos estudantes (atividade a ser desenvolvida durante todo o período de realização da presente proposta de modo concomitante às etapas anteriormente citadas)

Durante as etapas do desenvolvimento da presente proposta, estudantes e professor/a devem registrar fotos e vídeos dos momentos de estudos e produção dos cordéis, a fim de criar e alimentar uma página em uma rede social com o intuito de socializar os estudos e as produções dos estudantes. O objetivo é socializar as atividades desenvolvidas para estudo das variações linguísticas a partir da literatura de cordel de Patativa do Assaré.

Quadro 1: Quadro resumo das oficinas de cordéis.

Componente Curricular: Língua Portuguesa
Público-alvo: Estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental (com possibilidade de adaptação para outros anos e níveis escolares)
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar o entendimento da importância da efetivação de propostas de intervenção realizadas na escola para minimizar problemas escolares na relação ensino-aprendizagem; • Apresentar uma proposta que possibilite o trabalho com as variantes linguísticas e a norma culta da língua a partir da leitura e interpretação de cordéis do autor nordestino Patativa do Assaré; • Realizar oficinas de cordéis tendo como referência a obra de Patativa do Assaré a fim de demonstrar a riqueza da literatura popular, sua importância enquanto instrumento de conscientização e de estudo das variações linguísticas e do uso da norma culta da língua portuguesa; • Produzir textos sob a forma de cordéis como forma de se apropriar das normas da língua e de conhecer as variadas formas a partir das quais ela se apresenta e representa o imaginário e as vivências dos indivíduos; • Criar um <i>blog</i> da turma do 7º ano a fim de socializar digitalmente os cordéis produzidos pelos estudantes no desenvolvimento das oficinas.
<p>Tempo previsto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • 1ª etapa – Sensibilização (2 h/a); • 2ª etapa – Estudo de cordéis de Patativa do Assaré (2 h/a); • 3ª etapa – Estudo das variações linguísticas (2 h/a); • 4ª etapa – Oficina de cordéis (2 h/a) – Parte 1; • 5ª etapa – Oficina de cordéis (2 h/a) – Parte 2; • 6ª etapa – Oficina de cordéis (2 h/a) – Parte 3; • 7ª etapa – Criação e manutenção de uma página numa rede social para divulgação do estudo e produções dos estudantes (atividade a ser desenvolvida durante todo o período de realização da presente proposta de modo concomitante às etapas anteriormente citadas).
<p>Desenvolvimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sensibilização: Nesse primeiro momento o/a professor/a de Língua Portuguesa buscará sensibilizar os estudantes acerca do trabalho a ser realizado. Para isso, o/a docente apresentará aos estudantes o texto do tipo

cordel.

- Estudo de cordéis de Patativa do Assaré: Nesse segundo momento, inicialmente, o/a professor/a de Português apresentará o poeta Patativa do Assaré e alguns de seus cordéis.
- Estudo das variações linguísticas: Nesse momento o/a docente apresentará as variações linguísticas como aspecto da dinamicidade das línguas, de enriquecimento do idioma, porém sem deixar de esclarecer a adequação e inadequação da utilização das variantes nos mais diversos contextos potencialmente vividos pelos estudantes, bem como abordar a questão do preconceito linguístico e do respeito à diversidade linguística.
- Oficina de cordéis – Parte 1: Nesse momento os estudantes produzirão pequenos cordéis utilizando variações da língua e tratando de temas acerca da região em que residem.
- Oficina de cordéis – Parte 2: Nesse momento os estudantes produzirão os cordéis com os textos elaborados na etapa anterior. Também ocorrerá a organização da sala a fim de que sejam estendidas cordas de barbante em disposição de varais nos quais serão pendurados os cordéis confeccionados pelos estudantes.
- Oficina de cordéis – Parte 3: Nesse momento ocorrerá a realização da pequena Mostra de Literatura Popular dos estudantes do 7º ano para apreciação da comunidade escolar.
- Criação e manutenção de uma página numa rede social para divulgação do estudo e produções dos estudantes: Ocorrerá durante toda a realização da proposta tendo como objetivo socializar as atividades desenvolvidas para estudo das variações linguísticas a partir da literatura de cordel de Patativa do Assaré.

Recursos:

- Papel madeira;
- Papel ofício colorido;
- Lápis, hidrocor, lápis de cor;
- Tesoura, cola escolar, recortes de revistas, barbante, prendedores de roupa;
- Computador/notebook com *internet*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua portuguesa, assim como todas as línguas que existem no planeta, é dinâmica, está em constante movimento de transformação, pois os indivíduos também estão em constantes processos de mudanças. As variações linguísticas são características marcantes da dinamicidade das línguas e, mais ainda, são reveladoras de histórias dos povos, e isso envolve questões sociais, geográficas, políticas e econômicas que são determinantes para a ocorrência de transformações nas vidas dos sujeitos que, por sua vez, reverberam tais modificações também nas variações linguísticas.

As variantes da língua denotam a grandeza das línguas que se deixam sempre modificar sem perder sua função comunicativa, sempre estabelecendo novos sentidos para seus usuários. Desse modo, as variações sofridas pela língua são – ou, pelo menos, deveriam ser – motivo de orgulho, uma vez que refletem os traços culturais da diversidade de povos que constituem uma nação, e, no caso de nosso país, que é constituído de um povo tão miscigenado, representa a diversidade de povos contidos num mesmo território e que constituem juntos uma só nação.

No entanto, ao invés de respeito e reconhecimento ainda é possível perceber uma espécie de marginalização das variantes linguísticas e de seus falantes, um tipo de estigmatização que evidencia o preconceito linguístico que existe, tanto de modo velado quanto explícito, em relação àqueles que fazem uso de variações da língua. Isso ocorre, dentre outros fatores, por conta da supervalorização atribuída ao uso da linguagem culta em detrimento da linguagem informal. E, é claro, isso está diretamente relacionado com a divisão bastante marcada e evidente das classes sociais a que estão submetidos os indivíduos em sociedades capitalistas como a nossa.

O domínio da norma culta da língua constitui-se fator que atribui poder aos usuários; quem sabe utilizar corretamente a norma culta da língua exerce posição de destaque nesse mundo letrado que busca pormenorizar a dinamicidade da língua não como forma de não reconhecimento de sua importância, mas para assegurar a manutenção da hegemonia das camadas sociais dominantes em detrimento das classes economicamente menos favorecidas. Conseqüentemente, e infelizmente, o ensino da Língua Portuguesa acaba por ser encaminhado nessa perspectiva classista, desintegradora e excludente, relegando ao fracasso escolar – quiçá de

toda uma vida – os sujeitos que não desenvolverem a capacidade de dominar a norma culta de nossa língua.

Contrariamente a essa visão, entendemos a educação, e o ensino da Língua Portuguesa mais especificamente, como processos de humanização e de transcendência, nunca de exclusão. Entendemos que o ensino da língua deve servir para capacitar os indivíduos a comunicarem-se adequadamente em cada situação distinta que necessário for. Aliás, os conceitos de adequação e inadequação do uso de determinado tipo de linguagem necessitam sair do isolamento do estudo dos livros didáticos e passar a permear as práticas pedagógicas dos docentes de Língua Portuguesa, o que significa possibilitar ao estudante o entendimento da dinamicidade da língua, o respeito às variações sofridas por ela e a compreensão da adequação e inadequação da utilização da norma culta ou da linguagem informal nos mais diferentes contextos.

Foi a partir dessa perspectiva que decidimos pesquisar o estudo das variações linguísticas a partir da utilização de obras cordelísticas de Patativa do Assaré, pois entendemos que o cumprimento do que preceitua o texto da BNCC acerca do ensino da Língua Portuguesa, no que respeita ao estudo das variantes linguísticas, perpassa por abordagens sobre a literatura popular como forma de evidenciar a grandeza das variações da língua e superar o preconceito linguístico. Sem dúvida, há um grande arcabouço cultural a ser explorado na literatura popular, contudo, tendo em vista a região geográfica na qual residimos e desenvolvemos a docência, optamos por debruçar nossa pesquisa na literatura de cordel de um dos maiores representantes da arte popular nordestina, o Patativa do Assaré.

Partindo daí, elaboramos uma proposta de intervenção contendo sugestões para o trabalho docente com as variações linguísticas a partir da literatura de cordel patativana voltada ao público do 7º ano do Ensino Fundamental, com possibilidade de adaptação para outros anos/níveis escolares. Com essa proposta, intentamos possibilitar que o/a docente desenvolva um trabalho voltado ao reconhecimento e respeito às variantes de nossa língua, a partir do estudo dos cordéis de Patativa do Assaré, como também voltado à produção autoral dos estudantes na produção e confecção de textos cordelísticos inspirados na obra patativana.

Para tanto, buscamos elaborar uma proposta que fosse de fácil execução e de grande possibilidade de geração de aprendizagens significativas. Assim, efetuamos adaptações de textos e atividades coletados em *sites* conceituados da

internet, a fim de prover o/a professor/a de um material rico, conciso e agradável aos estudantes. Contudo, cientes de nossas próprias limitações e de nossa condição de pesquisadores em formação, temos em vista que outras adaptações podem – e até mesmo devem – ser efetuadas na proposta de intervenção que aqui apresentamos, a fim de que se torne aplicável a muitos públicos-alvo, a depender da necessidade e dos propósitos dos/as diversos/as professores de Língua Portuguesa.

Esperamos que nossa pesquisa possa suscitar o debate e fomentar as discussões acerca do ensino das variantes linguísticas a partir da utilização da literatura popular, provocar novas intenções de pesquisa em outros níveis/anos escolares, bem como possa subsidiar práticas docentes voltadas ao reconhecimento da importância das variações da língua, ao respeito aos seus falantes e ao ensino da Língua Portuguesa, numa perspectiva de humanização e autonomização dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo Loyola, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental. Versão Final. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRITO, A. I. A. de. Patativa do Assaré: porta-voz do sertão. **Conexão** – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 8, n. 18, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/133/124>. Acesso em: 23 jan. 2020.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARMO, S. M. R. do. **Literatura de Cordel**: uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal? Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade da Madeira, Portugal, Funchal, 2016.

CAVALCANTE, M. C. L. **O cordel na sala de aula**: uma proposta para o letramento literário. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COBRA, C. M. Patativa do Assaré: relações entre estética, hermenêutica, religião e arte. **Revista Estudos da Religião**, n. 3, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26469686_Patativa_do_Assare_Relacoes_entre_Estetica_Hermeneutica_Religio_e_Arte. Acesso em: 20 jun. 2020.

CUNHA, L. A. A. O trabalho com a variação linguística: uma proposta de sequência didática para o Ensino Médio. **Anais do SIELP**. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_182.pdf Acesso em 06 jul. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1994. 23ª reimpressão. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERREIRO, M. V. Literatura Popular: Em torno de um conceito. *In*: **Litterature Orale Traditionnelle Populaire**. Actes du Colloque, Paris 20-22 nov. 1986. Disponível em:

<http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.pdf>. Acesso em 10 jul. 2021.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. Ática: São Paulo, 1989.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, J. M. A.; SILVA, R. de C. A. da.; LEMOS, D. T. de. Literatura de cordel na prática educativa do PIBID. **Carpe Diem Revista Cultural e Científica do UNIFACEX**, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/view/696>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MEZAVILA, A.; CRUZ, A. D. da. A literatura de cordel e sua aplicabilidade no estudo da variação linguística. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. **Cadernos PDE**, v. 1, versão *online*, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unioeste_albertinamezavila.pdf. Acesso em: 05 jul. 2020.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Vozes: Petrópolis, 2002.

MOURA, H. D. de. O sertão de Patativa do Assaré: a infância e a oralidade na poesia inspirada na formação e cultura do sertanejo (1956-1978). **Revista HISTEDBR on-line**, Campinas, nº 63, jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641181/8688>. Acesso em: 03 mai. 2020.

NOGUEIRA, R. de C. **A poética social de Patativa do Assaré**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017a.

NOGUEIRA, R. de C. A poética popular e social de Patativa do Assaré. **Letras**, Santa Maria, v. 27, n. 55, jul./dez. 2017b. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/28260/pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PINHEIRO, S. Patativa do Assaré: entre o oral e o escrito. **Revista Diadorim**. Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. v. 1. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3842/15920>. Acesso em: 20 fev. 2020.

REBOUÇAS, M. M. **Patativa do Assaré: poesia, canção e consciência**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2017.

REIS, P. C.; MACHADO, D. P.; BARBOSA, S. C. D. A. A Sociolinguística e o ensino da língua materna. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011.

Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5424_3186.pdf. Acesso em: 06 jul. 2020.

ROCHA, M. S. da. A Linguística Moderna e Ferdinand de Saussure: discutindo conceitos. **Graduando**, Feira de Santana, v. 8, n. 11, p. 43-57, 2017. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/n11/n11.043-057.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2020.

RODRIGUES, R. S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em: http://revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf. Acesso em: 06 jul. 2020

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad.: Antônio Chelini. José Paulo Laes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, J. R. da. **Letramento literário e literatura de cordel: Patativa vai à escola**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2019.

SILVA, D. de L. da. **O imaginário do sertanejo nordestino na poesia de Patativa do Assaré e na mídia: uma análise comparativa**. Monografia (Graduação em Informação e Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2018.

SILVA, A. V. U. da. **A literatura de cordel como prática motivadora da leitura e da escrita em sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, 2017.

SILVA, V. M. de A. e. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

SOUSA, P. S. de; MURAKAWA, C. de A. A. Uma análise das variedades linguísticas nos textos de Patativa do Assaré. **Afluente**, UFMA/Campus III, v. 4, n. 13, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/download/12583/7085>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SOUSA, M. R. de. **O cordel na sala de aula: a ressignificação do ensino de Língua Portuguesa**. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2014.

SOUZA, M. das D. M. de; LIMA, C. M. B. de M.; PENHA, G. M. de L. B. A literatura de cordel e suas contribuições para o ensino da leitura na sala de aula. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 6, n. 2, dez., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1221>. Acesso em: 12 jun. 2020.

SOUZA, F. W. C. de. **A poesia de Patativa do Assaré como voz de resistência à condição subalterna: uma leitura acerca do sertanejo nordestino**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2014.

WERNER, L. R. **A leitura literária**: um caminho para a humanização do sujeito. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.